

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL NO
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA
(MST)

NÉLIA APARECIDA DA SILVA



FRATO (1997)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

NÉLIA APARECIDA DA SILVA

**CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL NO
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA
(MST)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia – PEFOPEX (Programa de Formação de Professores em Exercício), da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação do Prof^a. Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria.

**CAMPINAS
2007**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria.

2º Leitor: Prof^o Dr^o Luiz Carlos de Freitas

“O futuro não é uma coisa escondida na esquina.

O futuro a gente constrói agora.”

Paulo Freire

Dedico este trabalho aos meus familiares que sempre acreditaram em mim e que conseguiria realizar o sonho de me formar na universidade.

AGRADECIMENTOS

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco que em conformidade viver”

Marter Luther King

Fazendo minhas as palavras de Luther king, quero agradecer a todos aqueles que não me deixaram viver em conformidade, que não me deixaram ficar em casa sem fazer nada para crescer profissionalmente, que me incentivaram a ir para a faculdade, mesmo com chuva, cansada, com fome ou frio e que contribuíram para a realização de meu sonho e para a minha felicidade.

Um muito obrigada,

... a minha mãe Irene, eterna lutadora, força a nos levar a vitória;

... aos meus irmãos e irmãs: Francis, Nádia, Noélia, Clide e Dito (in memorian), que sempre acreditaram em mim, assim como meus cunhados/cunhadas: Sueli, Suzana, Ruan, Pelé (in memorian)

... meus sobrinhos e sobrinhas fontes de inspiração: Kely, Vanessa, Andreza, Audrey, Ariadney, Pâmela, Nayara, Juninho, Juan, ...

... minha prima Fátima, que sempre buscou me ajudar neste processo, com palavras, conselhos e materiais;

... aos amigos e amigas de ontem e de hoje: Léia, Débora, Elisa, Ângela, Márcia, Meire, Duda, Cássia, Deusdélia, Valéria, Marli, Seu Antônio, D. Lourdes, Wilker, Gabriel, Rodrigo, Adriana, Maria, Rita, Eva, Sônia, Mirtes, Ivete, Rosana e tantos outros...

... a minha tia Carminha (in memorian) que de onde estiver com certeza está muito feliz por esta realização, pois sempre foi um esteio a me animar e me levar a perseverar sempre. Saudades eternas...

... aos professores da Faculdade de Educação da Unicamp pelo muito que ensinaram, pois só depois deste curso percebi o quão pouco sabia sobre educação e o quanto ainda preciso aprender.

... a minha orientadora Ana Lúcia Goulart de Faria. Com ela aprendi o pouco que sei sobre educação infantil. Obrigada também pelo incentivo, material emprestado, pela ajuda na construção desta difícil bibliografia e principalmente, pela paciência.

... ao Profº Drº Luiz Carlos de Freitas, pela segunda leitura do meu TCC e pelas sábias orientações.

... aos funcionários da Faculdade de Educação pela atenção, o atendimento prestimoso, a educação e paciência em nos atender em todos os momentos em que precisamos seja no laboratório de informática, na coordenação, biblioteca ou na portaria.

... a Edna Rosseto, pela entrevista, pela ajuda via e-mail, agüentando minhas perguntas infinitas com paciência.

... agradeço a população brasileira que paga os impostos que permitiram que pudesse ter o prazer de freqüentar uma universidade pública de qualidade, coisa que devido à crise em que esta e todas as demais universidades públicas vivem na atualidade, pode ser um empecilho a muitos/muitas alunos/alunas vindos da escola pública, como eu, de desfrutar em um futuro próximo.

... as amigas Carol e Ellen, que tão pacientemente leram o que escrevi em primeira mão, e a segunda por, também, agüentar minha crises, juntamente com a Jéssica, que descobri ser amiga para todas as horas.

... ao meu namorado Cris, pela eterna paciência, dedicação e incentivo, mesmo estando do outro lado do mundo (Nova Iorque), sempre tem uma palavra de incentivo e perseverança.

E a Deus, pois sem Ele nada sou e nada seria...

O meu muito obrigada!

SUMÁRIO

Introdução	1
Procedimentos de pesquisa.....	3
1 Contextualizando o meu objeto de pesquisa: breve histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra	7
1.1 Contradições dentro do Movimento: que movimentos são esses?	17
2 Educação no MST: transformando a educação no campo.....	21
2.1 Princípios de educação no MST	22
2.2 Educação para o trabalho?	29
3 As Cirandas Infantis	35
3.1 Breve histórico da construção da infância e da Educação Infantil	35
3.2 Educação Infantil no MST	40
3.3 As Cirandas Infantis: o que são e a quem se destinam?	42
3.4 Formação dos educadores/educadoras das Cirandas Infantis	44
3.5 A questão de gênero dentro do MST	47
3.6 Metodologia adotada na educação da criança pequena	48
3.7 Conhecendo alguns materiais educacionais do MST	52
Considerações finais.....	57
Referências	61
Bibliografia consultada	63

RESUMO

Esta pesquisa buscou conhecer os meandros que regem a concepção de infância e educação dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, principalmente no que se refere às crianças pequenas antes da idade escolar.

Entender como se processa a educação dentro do movimento, seus princípios, metodologias e forma de atuação em todos os seus aspectos nos faz perceber que existem outros modos de se educar nossas crianças, de formar novos cidadãos e de buscar a transformação social através do ato de educar defendido por Paulo Freire. Para isso buscou-se como fontes primárias entrevista com a coordenadora nacional do setor de educação infantil do MST e os documentos de organização do movimento e como fontes secundárias pesquisas acadêmicas que estudaram a infância no MST. Constatou que estas pesquisas não contemplaram as cirandas infantis e a pequena infância de 0 a 6 anos.

Tecer novos meandros educacionais não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário é espinhosa, controversa e complexa, mas para os membros do MST nada acontece de forma fácil ou simples em suas vidas, então construir esta nova educação, voltada para o coletivo, para o trabalho, para a formação do homem integral é só mais um desafio que eles enfrentam, como tudo que fazem na vida.

Palavras-Chaves: MST, Cirandas Infantis, formação de professores/as e pequena infância.

É O AMOR!

Amor pelas pessoas; amor pelo ato de educar;

Amor pelo MST; amor pelas causas do povo.

Quem não ama os seus educandos e as suas educandas não consegue educá-las.

Quem não ama as suas educadoras e os seus educadores não consegue se deixar educar por eles.

Quem não ama o MST, não consegue atuar nele, não consegue se educar e educar outras pessoas através dele.

Quem não ama a justiça social e a dignidade humana não se apaixona pelo MST.

Quem não ama a vida não ensina a viver.

Quem não ama educar não educa.

Quem não ama a classe trabalhadora, não assume o seu destino; não respeita a sua caminhada; não ajuda a construir seu projeto de futuro.

Quem não ama a Pátria, não faz revoluções encarnadas na história do povo.

Quem não ama não se encanta, não se apaixona, não se educa, não luta, não vive...

E amar é acreditar, confiar, ser fiel;

é sacrificar, exigir, cumprir exigências, tolerar;

é ouvir, falar, calar, dialogar, criticar, aceitar críticas;

é sentir dor, ter prazer, fecundar, criar;

é fazer diferença na vida dos outros;

é comungar, partilhar, festejar...

E assim seja!

(Caderno de Educação do MST número 8, 2005, p. 177)

INTRODUÇÃO

Há quem diga que todas as noites são de sonhos.

Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.

Mas no fundo isso não tem muita importância.

O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre.

Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado."

William Shakespeare

Início esta introdução com as palavras de Shakespeare, em sua obra *Sonhos de uma noite de verão*, por dois motivos: primeiro porque adoro esta obra do poeta inglês e, segundo porque acredito que o que há de mais interessante na humanidade são os sonhos que o homem sonha sempre, em todos os lugares, dormindo ou acordado. Elejo esta poesia devido ao fato de que ao apresentar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estou realizando um dos meus mais caros sonhos, do qual nunca me furtei, que é o de me formar em nível universitário.

Desde pequena, mais precisamente, aos cinco anos, quando meu pai morreu em um acidente de trabalho, sempre almejei ir além da realidade em que vivia e construir para mim uma profissão que me levasse a galgar outros degraus, diferentes dos que meus pais galgaram, que era de trabalhadores braçais.

Assim estudei muito, estudei sempre, busquei aproveitar todas as oportunidades que batalhei em busca de aprimoramento. Dessa forma fiz: cursos de inglês e de espanhol; Magistério; aprendi informática informalmente, de forma autodidata; toda oportunidade de formação continuada ofertada pela Diretoria de Ensino do Estado de

São Paulo que pude fazer participei; li muito, de tudo um pouco; pesquisei o que não sabia e o resultado colho hoje.

Não que antes não houvesse tentando o curso superior, muito pelo contrário, tentei realizar este sonho em outras universidades particulares, mas devido a dificuldades de ordem econômica não consegui terminar os cursos que iniciei. Tentei na PUCCAMP, em outras faculdades menores até chegar aos bancos da UNICAMP.

Foi uma longa jornada, cerca de 18 anos, desde a minha formação no Magistério em 1989, mas estou aqui e pretendo ir além. Dessa forma, nada mais lógico que tenha escolhido como tema de minha pesquisa conhecer como as pessoas que fazem parte de uma minoria discriminada pela sociedade capitalista, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), organiza seu setor de educação, fornecendo aos seus membros a possibilidade de adquirir o conhecimento sistematizado, tão amplamente valorizado por esta mesma sociedade. Conhecimento este, que aliado à tomada de consciência coletiva de sua realidade levará os alunos a superarem a mesma e transformá-la.

Assim, organizei meu TCC em três capítulos: no primeiro a constituição e organização do MST em nível nacional. No segundo, abordo a questão da educação dentro do Movimento, seus princípios, lutas e bandeiras defendidas. As Cirandas Infantis e suas nuances são o tema do terceiro capítulo, em que apresento o que o MST concebe para a primeira infância. Por fim, concluo a pesquisa trazendo a baila tudo o que experienciei durante a elaboração deste trabalho de pesquisa.

Procedimentos de pesquisa

Por que resolvi abordar este tema em meu trabalho de conclusão do curso de pedagogia?

Já há algum tempo fui convidada a participar, como pedagoga, tão logo me formasse, de um grupo de cultura de Campinas, chamado Casa de Cultura Tainã, para desenvolver projetos com a garotada nos moldes do que é desenvolvido no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), ou seja, uma educação cidadã, em que se busca educar a criança para exercer seu papel crítico diante de uma sociedade desigual e que promove a exclusão.

Ao receber o convite percebi que nunca havia pensado no MST, para além da questão de ocupação. Pela primeira vez, refleti que no meio dos assentados existem crianças de todas as idades e que estas recebem uma educação que deve ser de qualidade. Neste momento percebi, também, que não sabia como essa educação se dava e nem a visão que os mesmos têm a respeito do Ser criança, produtora de cultura, Ser de direitos.

Como vivemos em uma sociedade capitalista e hierarquizada, pensava que as crianças assentadas, assim como as crianças de circo e ciganas, (que já havia tido contado anteriormente nas escolas em que trabalhei), estudassem em escolas da rede oficial de ensino, ou seja, municipal e estadual.

Com este despertar comecei a refletir que, assim como eu, muitas pessoas e, principalmente educadores, não têm noção do que ocorre dentro do Movimento

Trabalhadores Rurais Sem-Terra no tocante a concepção de infância e educação e resolvi pesquisar sobre o tema.

Ao iniciar a pesquisa pretendia desenvolvê-la embasando as teorias lidas sobre o assunto com um estudo do caso, dentro de uma pesquisa qualitativa, em que buscava observar: a visão que os indivíduos que vivem nos assentamentos têm das crianças; a concepção de educação que se busca dentro do movimento e por fim, o olhar da criança sobre a temática, procurando construir o olhar dos diferentes autores deste espaço sobre o que seja infância e educação.

No entanto, ao iniciar o levantamento bibliográfico encontrei o primeiro obstáculo: a escassez de material impresso sobre o tema, ou mesmo disponível na Internet. Percorri sebos, livrarias e bibliotecas e descobri pouquíssimas obras. A solução foi buscar alguns Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), teses de mestrado e doutorado publicadas na Unicamp para, a partir de suas bibliografias, construir a que seria pertinente ao meu trabalho.

Começava uma nova luta, agora para encontrar os exemplares das obras, pois não estavam disponíveis em bibliotecas, nos sebos e livrarias não havia nenhum livro para ser vendido, uma vez que eram edições antigas (1989, 1990) entre outras coisas. Fui a uma livraria no centro de Campinas e consegui encomendar duas obras que falavam da Pedagogia da terra e de educação no MST. A seguir, “garimpando” na livraria da Unicamp descobri um exemplar do livro “Sem-Terra aprende ensina” de Luiz Bezerra Neto e, com o mesmo consegui estabelecer os primeiros contatos com a realidade do Movimento.

Na mesma livraria encontrei mais alguns exemplares sobre o tema: Morigi (2003), MST (2006), Arroyo, Caldart e Molina (2004) e Silva (2004). Minha orientadora

Ana Lúcia Goulart de Faria, sempre atenta às dificuldades de seus orientandos, buscava descobrir novos materiais para nos ajudar e, a mim, ela ajudou muito trazendo teses e obras de autores do MST; CD de músicas do Movimento e DVD de pesquisas, Arenhart (2007), Ariès (1981), Cadernos do MST, Lopes (2005), Revista Proposições nº 43, Cadernos de Pesquisas da Fundação Carlos Chagas sobre O negro, Gadotti (2000), Machado (2003), Quintero (2000), Faria (2002), Serrão (2006), Souza (1998), Torres (1998) para auxiliar-me nesta pesquisa e cujo resultado se encontra na bibliografia organizada no final deste trabalho.

No entanto, embora com um extenso material de pesquisa, descobri que este era um tanto quanto limitado, pois se referiam mais a escola em si, ou seja, ao Ensino Fundamental e Médio, até mesmo do EJA, relatando muito pouco ou nada sobre Educação Infantil, foco abordado neste trabalho.

Contudo havia uma luz brilhante no fim do túnel que se materializou na pessoa de Edna Rodrigues Araújo Rosseto, Coordenadora da Frente de Educação Infantil no Setor de Educação do MST e, também, orientanda de mestrado da Ana Lúcia na Unicamp. A Ana sugeriu-me entrevistá-la e a resposta foi positiva. Assim, em uma manhã de uma quinta-feira do mês de abril entrevistei a Edna e descobri muito sobre o MST, as Cirandas, a educação infantil e tudo o mais que tinha dúvidas, bem como a entrevistada indicou-me alguns caminhos para percorrer em busca da segunda parte de minha pesquisa, que era o estudo de caso.

Assim, munida do material que tinha e dos contatos arranjados pela Edna enviei alguns e-mails e esperei ansiosa a resposta de quando poderia ir até Itapeva, SP, divisa com o Paraná, conhecer uma escola do Movimento e as tão faladas Cirandas Infantis em um dos assentamentos em que estas melhor se desenvolvem. Mas, amarga

decepção! Por conta de alguns compromissos dos educadores e das educadoras com os encontros nacionais de formação e preparação para o congresso do MST, entre outras conjunturas internas do Movimento, não havia como encaixar minha visita ao local. E assim, tive que reorganizar o meu pensar e a minha pesquisa tomou novos rumos. De um estudo de caso, tornou-se um estudo bibliográfico do que já foi escrito sobre educação e as Cirandas Infantis dentro do MST. Para tanto baseei meu texto, principalmente, nos estudos de Bezerra Neto, na entrevista com Edna Rosseto, Arenhart e nos Cadernos de Educação do Movimento, trazendo também para a discussão pequenas contribuições de outros autores.

Foi um trabalho árduo orquestrar esta pesquisa, pois a todo o momento em que escrevia sentia a dificuldade de quem não conheceu a realidade retratada de perto, mas, também, foi um trabalho muito prazeroso, instigante que me trouxe muita satisfação em realizá-lo uma vez que passei a conhecer melhor a ideologia e o pensamento existente dentro do MST, suas lutas e organização, bem como desmistificar muitos dos preconceitos que tinha a respeito das ocupações e de seus membros.

Em relação ao trabalho na Casa de Cultura Tainá, que levou-me a esta pesquisa, não sei se o conseguirei, pois embora goste muito do que propõe, o tempo dentro da Casa é outro e não sei se estou preparada para ele.

E este trabalho, que ora apresento, é o resultado de toda esta construção investigativa a respeito do MST, que levou três longos anos para ser finalizado e que espero que seja apreciado por todos e colabore na formação docente brasileira.

CAPITULO I

CONXTETUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA: breve histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

Quando se ouve falar sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) logo visualizamos, em nossa imaginação, as cenas exibidas a larga pelos meios de comunicação de massa de rufiões que invadem de forma violenta, a propriedade alheia querendo usurpar as propriedades de outrem.

No nosso imaginário, formado pelos esteriótipos que a sociedade capitalista nos impõe taxamos aquelas pessoas como desocupadas, que ao invés de procurar conseguir sua terra através do trabalho, preferem invadir o que não é seu e lucrar em cima do que outros construíram, como se vivêssemos em um país e, em um modelo político, econômico e social, que possibilite a rápida ascensão dos menos privilegiados através do trabalho, que anda cada vez mais escasso, principalmente para quem não teve oportunidade de estudar e vive no campo.

Assim, ao organizar este trabalho fez-se necessário trazer a luz um estudo a respeito do que seja este Movimento, suas diretrizes, princípios e organização de forma a que se possa, senão acabar com os preconceitos, pelo menos entender como e porquê se organizou a luta pela terra no Brasil, pois grande parte da população não conhece o MST, sua história de lutas e conquistas.

Dessa forma, escolhi os estudos retratados no livro de Luiz Bezerra Neto (1999), *Sem-Terra aprende ensina...*, para relatar um pouco da história do MST no Brasil, por

acreditar que dentre os muitos trabalhos de pesquisa lidos, este seja o mais completo a relatar como se formou o Movimento no Brasil.

Este livro de Bezerra Neto, é resultado de sua tese de mestrado, defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação do professor doutor José Claudinei Lombardi em 1999, que tinha como tema analisar a prática educativa e formativa dos trabalhadores rurais organizados no MST, desde sua fundação aos dias atuais, procurando discutir a respeito da concepção e método de educação existentes no interior do MST; a organização e formação do trabalhador sem terra e a compreensão da proposta educacional implementada pelo Movimento nas escolas do assentamento e acampamentos. Para tanto, Bezerra Neto, buscou analisar a educação dentro do MST do Ensino Fundamental ao nível técnico e a escola de formação.

Gostaria, ainda, de elucidar que escolhi tal trabalho como fonte de consulta principal, na construção deste primeiro capítulo por ter verificado que o mesmo é um trabalho importante e que o autor, ao mesmo tempo em que vislumbra um MST totalmente diferente daquele imposto pela mídia, consegue, também, mostrar que este Movimento, como todos os outros, tem suas contradições e que estas não podem ser “escondidas”, ou empurradas para debaixo do tapete. E o resultado é o que veremos a seguir.

Assim, segundo Bezerra Neto (1999), é importante destacar que tanto a luta pela terra, quanto os meios usados para sua conquista não são novos e muito menos se iniciaram com o MST, remontando seu início aos tempos da colonização brasileira. O que a difere no MST é a abordagem de luta deste Movimento, que aparece como uma *tentativa de se fazer uma ligação da questão cultural e educacional com a problemática*

da concentração de terras, discutindo-se formas de organização e defesa da propriedade coletiva dos meios de produção e da democratização do poder político e da propriedade. (p. 08)

Dessa forma, o autor ressalta que a luta pela terra no Brasil se iniciou com a defesa dos povos indígenas pelo seu território, *contra as entradas e bandeiras, patrocinadas pelo governo português e por fazendeiros da época (p. 08)*. Com o mesmo espírito revolucionário de defesa do território, no final do século XIX ocorrem as lutas messiânicas, cujas influências norteiam as principais lideranças do MST.

Essas lutas se dividiram, em sua historicidade, em três momentos distintos. O primeiro se refere às revoltas ocorridas durante o período republicano, cujas principais lutas foram: Canudos, no sertão da Bahia entre os anos de 1870 e 1897, tendo como líder Antônio Conselheiro, que foi derrotado pelas forças federais. A segunda revolta foi a de Contestado, na divisa do Paraná com Santa Catarina (1912-1916). Esta disputa foi liderada pelo Monge José Maria e envolveu milhares de camponeses, sendo, também, derrotada pelas forças federais.

No segundo momento das lutas, estas tiveram um caráter mais violento, com milícias armadas, destacando no período: luta dos posseiros de Teófilo Otoni, Revolta de Dona Nhoca, Revolta de Trombas e Formoso e algumas revoltas no sudoeste do Paraná e dos arrendatários de Santa Fé do Sul.

Na terceira fase da luta pela terra entre 1950 e 1964, caracteriza-se pelo surgimento

(...) de vários movimentos de camponeses organizados em entidades como as ULTABs (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), nas regiões Sul e Sudeste do país; as Ligas Camponesas, na região Nordeste; e o Master (Movimento dos Agricultores Sem-Terra), no Rio Grande do Sul. Dentre todos os movimentos de luta pela terra, o que mais influenciou os fundadores do MST foi o das Ligas Camponesas que, nas décadas de 1950 e 1960, desenvolveram importante papel na luta contra os latifúndios no interior do Nordeste, sobretudo na região do semi-árido de Pernambuco e da Paraíba. (p. 10)

No entanto, a exceção das ULTABs, cuja pretensão era formar um movimento nacional de trabalhadores na agricultura, as demais associações tinham um alcance apenas regional, não conseguindo proliferar fora de seus estados de origem. Tal fato ocasionava a dificuldade do aprofundamento das lutas em defesa da Reforma Agrária (RA), ou de qualquer outra reforma desejada por seus propositores, que reivindicasse a *redistribuição da terra, ao mesmo tempo em que visava quebrar a espinha dorsal do sistema fundiário nacional.* (p. 11)

Durante os primeiros anos pós Golpe Militar houve uma relativa parada das lutas e revoltas pela terra, sendo a mesma retomada na década de 70, com a criação da Pastoral da Terra em 1975 e as greves do ABC paulista, motivando os camponeses à luta por espaços para plantio. Esses movimentos de resistência se iniciaram no Rio Grande do Sul com as ocupações de terra que deram início ao MST.

O MST nasce das lutas concretas pela conquista da terra, que os trabalhadores rurais foram desenvolvendo de forma isolada na região sul, num momento em que aumentava a concentração de terras e ampliava a expulsão dos pobres da área rural, devido à modernização da agricultura e à crise do processo de colonização implementado pelo regime militar. (p. 11)

Com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores rurais e de melhor distribuição de renda no Brasil, o MST tem buscado garantir

(...) a manutenção do homem no campo, através de uma RA, que distribua a propriedade da terra, enquanto muitos economistas, notadamente aqueles que representam os interesses da burguesia, apontam para a urbanização planejada como fator de desenvolvimento social. O problema hoje, apesar de toda a luta desencadeada pelo MST, já não é mais saber se há necessidade de fazer ou não uma RA, pois sua importância já se tornou aceitável no seio da sociedade brasileira dos anos 90. O que se discute é qual o modelo de reforma é viável. (p 11 e 12)

Para tanto o Movimento *busca sempre envolver toda a família na luta pela conquista de benefícios sociais e defesa de direitos de cidadania, como escola, moradia, saúde, luz elétrica e bem estar social.* (p. 12)

Para atingir este objetivo o Movimento se organiza em âmbito nacional, diferente dos movimentos que o antecederam e que quase sempre eram regionais e fragmentados. Seus membros são identificados como sendo (...) *um sujeito coletivo produzido nas lutas do movimento sem-terra e que na sua luta procura casar os valores do humanismo e do socialismo.* (p.13)

Na fase inicial de formação dos acampamentos, chamada pelo Movimento de sensibilização, são convidados os trabalhadores do campo, que estão desempregados vivendo uma situação desesperadora e que, por isso, são arrebanhados pelo MST para ocupar a terra, como último recurso destes sujeitos em prol da luta pela sobrevivência.

O MST destaca-se, também, por sua organização, disciplina e pelas lutas sociais que desenvolve visando construir uma sociedade sob novas bases sociais, culturais, econômicas e políticas, cujo fundamento maior, pelo menos para os dirigentes mais expressivos como Stédile, é o homem e não o lucro produzido pelo capital. (p 14)

Sua organicidade, disciplina e lutas sociais se desenvolvem totalmente voltadas para a construção de uma nova sociedade sob novas bases sociais, culturais, econômicas e políticas.

O marco de sua fundação enquanto movimento organizado sob a sigla MST foi o Encontro Nacional de Trabalhadores Rurais Sem-Terra, realizado em Cascavel - PR, em janeiro em 1984, com a participação de 150 delegados. Este encontro tinha como diretriz juntar todas as categorias dos trabalhadores rurais que lutavam por um pedaço de terra para articularem-se nacionalmente em prol de uma luta conjunta em defesa da conquista da terra.

O princípio estabelecido neste encontro foi “Terra para quem trabalha nela”, estabelecendo *uma política agrícola que assegurasse aos trabalhadores do campo a possibilidade de permanecerem em suas terras, dado que estes as vinham constantemente perdendo para os bancos, ou sendo expulsos por fazendeiros e grileiros.* (p. 15)

Seus membros reivindicavam que a RA fosse feita sob o controle dos trabalhadores e, no mesmo período, lançam o lema “*Terra não se ganha, se conquista*”, mostrando que estavam dispostos a lutar por seus ideais. Tarefa que se revelou difícil devido ao esquema de repressão ainda vigente no país.

Em 1985, trabalhadores rurais, já sob a sigla MST, realizam o primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra em Curitiba, com a participação de 1500 delegados, em que definiriam sua luta, estrutura organizativa, associativa e suas instâncias de deliberação. Foi, também, definido a periodicidade de cinco anos para os congressos nacionais, eleita a primeira coordenação nacional e a primeira direção nacional do movimento.

Em 1986, ocorreu o primeiro Encontro Nacional de Assentados, em que se definiu a postura dos mesmos dentro do MST, uma vez que assentados já não seriam

mais sem-terra. No mesmo encontro acabou-se optando por manter tantos os já assentados quanto os em processo de assentamento sob a mesma nomenclatura.

Como o Movimento nasceu durante o regime militar, temendo a repressão, não formalizou um estatuto, o que ainda ocorria na data da pesquisa do autor. Para ter uma organicidade construiu a Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA), órgão legal, para suas atividades.

Como forma de organização, o Movimento conta com diferentes setores que se articulam para garantir a existência orgânica do mesmo, destacando-se os setores: Saúde, Direitos Humanos, Gênero, Educação, Cultura, Comunicação, Formação, Projetos e Finanças, Produção, Cooperação e Meio Ambiente e Frente de Massa. Esses setores desenvolvem alternativas às políticas governamentais convencionais, buscando sempre a perspectiva do homem do campo e suas especificidades.

A Coordenação Nacional é a instância operacional máxima da organização, que conta com cerca de 120 membros. Embora um dos principais dirigentes públicos do MST seja João Pedro Stédile, a organização prefere não rotular alguém com o título de principal dirigente, já que isso seria uma personalização, o MST adota o princípio da direção colegiada, onde todos os dirigentes têm o mesmo nível de responsabilidade.

Quanto à questão financeira existe uma descentralização de recursos em cada setor que deve organizar suas atividades de acordo com suas necessidades e arcar com seus gastos. *Durante o período de acampamento há contribuição das igrejas e dos sindicatos, mas quando as pessoas são assentadas, elas passam a dar uma contribuição ao MST, correspondente a 2% da produção.* (p. 18)

O MST se articula junto a uma organização internacional de camponeses chamada Via Campesina da qual também faz parte o Movimento dos Pequenos

Produtores (MPA) e agricultores da Europa, África, Ásia e Américas. A Via Campesina tem como objetivo organizar os camponeses em todo o mundo. Ele também está vinculado com outras campanhas nacionais e internacionais, como a Via Campesina Brasil, que reúne alguns dos movimentos sociais brasileiros do campo.

Em relação a ocupação em si, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) analisa se as terras ocupadas são ou não produtivas. Se forem improdutivas os sem-terra podem ser assentados, ou seja, recebem a posse das terras; no caso da propriedade rural ser produtiva é expedida uma ordem judicial de reintegração de posse. Na maioria dos casos, os trabalhadores rurais se retiram sem maiores problemas. Porém, muitas vezes ocorre do grupo se recusar a cumprir o mandado judicial de reintegração de posse, sendo desta forma desalojado através de força policial, como vimos sempre na mídia.

O MST procura organizar as famílias assentadas em forma de cooperação produtiva em vista de melhorar sua condição de vida. Assim, a criação de cooperativas é estimulada, embora as famílias que hoje estão assentadas, por fazerem parte desta organização, não sejam obrigadas a trabalhar em cooperativas.

Apesar do grande preconceito social que seus membros enfrentam, o MST se constitui, como já foi dito anteriormente, em um movimento nacionalmente organizado que possui uma proposta socialista de sociedade. Dessa forma, essa nova sociedade, almejada pelo MST, deve se dar através da formação educacional implementada pelo Movimento, nas regiões dos acampamentos e assentamentos dos trabalhadores rurais sem terra. Por isso a questão da educação, dentro do mesmo, é tão importante, pois para seus membros,

(...) da combinação da luta pela terra com a educação proverá a construção de um “novo homem”. No entender dos dirigentes do MST, a construção desse “homem novo” se dará pela formação, através da qual serão produzidas inflexões sociais que levarão à sociedade socialista. Entendem que somente com uma educação diferenciada, sem os vícios do sistema capitalista, será possível pensar numa sociedade livre, democrática e igualitária, como é seu ideal. (p. 19)

Para seus membros isto só se tornará possível se a formação educacional for implementada nas regiões dos acampamentos e assentamentos, voltada para a realidade em que vivem, não descuidando de também descobrir a realidade da sociedade em que estão inseridos, visando transformá-la, ou seja, uma verdadeira educação para a práxis educativa e para a conscientização do ser como tanto apregoou Paulo Freire. *E esta conscientização não chegará por acaso, mas pela busca do conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que será um ato de amor em resposta ao desamor dos opressores.* (Freire, p. 25, 2003).

Segundo Freire (2003), a educação como prática de liberdade faz com que o homem alienado do mundo perceba que a realidade não está fora dos homens. Sua proposta de reflexão consiste na autêntica relação do homem com o mundo, pois não concebe consciência e mundo dicotomizados, ou que estas relações ocorram em momentos distintos, porque uma faz parte da outra e se complementam. Não existe consciência do mundo sem o mundo constituído de forma intencional.

E ao aumentar sua consciência de mundo dirigem seu olhar para visões antes não percebidas e refletindo sobre estas visões, tornam-nas um desafio. A partir deste momento já é objeto de admiração, ação e reflexão do homem. A realidade passa de estática a um processo de constante transformação. Dessa forma, a tendência tanto do educador(a)/educando(a), como dos educandos(as)/educadores(as) será estabelecer

uma maneira autêntica de pensar e atuar. Percebendo como estão sendo no mundo, com que e em que se acham. E suas formas de atuação serão baseadas na relação que estabelecem nas suas percepções de mundo.

Conversando, em entrevista, com Edna Rosseto, percebe-se, pela sua fala como a questão da educação é importante dentro do MST,

(...) acho interessante que tendo diferentes realidades dentro do Movimento é muito forte a questão da educação. Todo acampamento tem como principal preocupação à organização do setor de educação e, começa a organizar mesmo, no assentamento, pela educação infantil e pela EJA (Educação de Jovens e Adultos) e não pelo ensino fundamental ou médio, começa por estas duas frentes de educação. (...) geralmente, são as duas frentes que se organizam primeiro no setor de educação do acampamento. Isso se deve ao fato de que as outras modalidades educativas necessitam de outros trâmites, ir a secretaria de Educação, mobilizar carros e para estas duas frentes basta ter espaço e mobilizar a comunidade.¹

Quanto à questão da metodologia, Bezerra Neto (1999), coloca que

O MST não define sua proposta pedagógica nos marcos de nenhum modelo pedagógico tradicional. Ao contrário, procura conjugar várias posturas, unindo a atuação de existencialistas cristãos como Paulo Freire, construtivistas como Piaget e marxista como Makarenko, passando ainda por propostas nacionalistas como as de José Martí. (p.40)

Face tudo isto podemos concluir que o MST, é um movimento que se preocupa em primeira instância, com a construção do cidadão e sua capacidade de ser, em detrimento do ter, construção esta que se consolidará através de um processo educativo que busque, a partir do estudo de sua realidade, transformar a mesma e, em consequente, a sociedade em que vive. Assim, para fechar, por ora, esta discussão sobre educação, uma vez que discutiremos mais amiúde esta questão no próximo capítulo trago as palavras do poeta Pedro Tierra (apud Bezerra Neto, 1999, p. 41)

(...) para o MST, investir em educação é tão importante quanto o gesto de ocupar a terra, um gesto, aliás, que se encontra no cerne da pedagogia do movimento. Aqui, educar é o aprendizado coletivo das possibilidades da vida. As dores e vitórias são face e contra face do mesmo processo.

1.2 Contradições dentro do Movimento: que movimentos são esses?

O MST, como todo Movimento social coletivo apresenta conflitos e contradições internas que acabam de uma forma ou de outra repercutindo sobre seus membros e a sociedade em que está inserido. No tocante ao MST, estes conflitos acabam sendo mais discutidos em seu interior, haja vista que pouco dos mesmos é vinculado pela imprensa, criando polêmicas e gerando separações dentro do grupo. Um exemplo do que estamos discorrendo seria o “desligamento” dos assentamentos de Sumaré que considerado, décadas atrás, como a primeira vitória das ocupações dentro do estado de São Paulo, acabou se descaracterizando dos ideais do MST havendo a cisão entre o mesmo e a diretiva nacional.

Sobre este assunto, quando abordei, em entrevista, Edna Rosseto, a respeito de disputas internas entre São Paulo e Rio de Janeiro, obtive a seguinte resposta

Eu não acompanho o Rio, mas o setor de educação é organizado pelo Movimento e eu não tenho conhecimento de nada. O que temos lá e que existem vários movimentos no Rio, como aqui. Na região de Ribeirão Preto têm vários movimentos que organizam os trabalhadores sem terra. Em Ribeirão Preto, Ourinhos tem a FAFI (Federação de Agricultura Familiar), a FIAESP, a FITAESP, MLST, têm várias facções. E, cada um desses movimentos, são sindicatos (FAFI, FITAESP etc), uns ligados a CUT (Central Única dos Trabalhadores), outros a CONTAG e temos nós do MST e a CPT (Comissão da Pastoral da Terra, ligada a igreja); mas a CPT não faz assentamento, ela trabalha com os grupos que fazem este movimento dos assentamentos, mas de certa forma desenvolve trabalho com os camponeses.

¹ Entrevista cedida por Edna Rodrigues Araújo Rosseto, em abril de 2007, especialmente para este trabalho de pesquisa.

No Rio também é a mesma coisa, mas lá é mais forte, porque antes do MST ser organizado no Rio, já tinha estas organizações, então é outra forma de organização lá, com outras formas de assentamento.

Não sei a fundo, não acompanho só ouvi falar que existem estes outros tipos de acampamento e estão ligados a outros movimentos. No entanto, existem os ligados ao MST, principalmente na região de Campos, que tem um assentamento do MST. No entanto, outras regiões, principalmente mais próximas, têm vários acampamentos ligados a outras organizações.

Quanto ao de Sumaré, este era ligado ao MST. Foi um dos primeiros a ser construído no estado, mas daí houve um problema e os dois assentamentos de Sumaré tiveram desencontros no processo e eu não sei se agora estão ligados a CUT, mas não é mais nosso. Tem pessoas lá que são simpáticas a nós e se dizem do MST. Tem pessoas, mas não acompanhamos como antes.

De acordo com Bezerra Neto, o que aconteceu nos acampamentos de Sumaré, poderia ser explicado dada às contradições existentes nos ideais de RA defendido pelo Movimento. O autor coloca que o discurso do MST é em defesa de uma RA de caráter socialista, que visa à transformação do modo de produção e, em consequente, das relações de trabalho predominante na sociedade nacional.

Esse discurso, porém, é contraditório: ao mesmo tempo em que o MST afirma lutar por uma sociedade socialista, em que devem ser rompidas as barreiras do direito “sagrado” da propriedade através das ocupações de terras no campo, aceita e defende a pequena propriedade rural, contribuindo para ampliar e fortalecer as relações capitalistas de produção no campo, apesar deste setor ter sido historicamente considerado um entrave nas lutas para a construção de uma sociedade capitalista, dado seu caráter conservador. (p. 12)

Acredito ter sido este, uns dos principais motivos pelo qual houve a divisão entre o MST e os assentamentos de Sumaré, uma vez que é voz corrente entre os membros do Movimento a forma como estes últimos se mercantilizaram deixando de seguir os princípios coletivos e sociais do MST.

Outro fator de divergência dentro do Movimento, no meu entender, após a leitura da tese do Bezerra Neto e do artigo histórico dos acampamentos de Sumaré, escrito

por Loera (s/d), disponibilizado pela Internet, seria o fator de escolha de agregação dos membros que farão a ocupação, acampamento e posterior assentamento. Este, de acordo com Bezerra Neto (1999) e Loera seria, segundo o primeiro autor, o fato de ser um trabalhador do campo, que por um motivo ou outro não possui uma terra, sendo explorado pelos grandes proprietários ou ter sido alijado de seu direito de trabalhar no campo devido à modernização etc, já a segunda autora, acrescenta a este fator estar desempregado e desejar possuir uma terra e trabalhar nela.

Ora, embora estes ideais sejam nobres, uma aglutinação organizada de tal forma, acaba levando para o assentamento tanto pessoas politizadas, engajadas ou que uma vez no acampamento acabam conscientizadas da suas condições de explorados resolvendo agir e transformar suas realidades e a do coletivo que as cercam; como pessoas que participam do processo apenas para realizar um antigo sonho: possuir uma terra sua, e posteriormente, acabam não se aglutinando em torno dos ideais do MST, e por, conseguinte, desligando-se do mesmo e se transformando em pequenos proprietários rurais individualizados, pautados nos moldes do capitalismo. Este parece ser um grave problema e contradição dentro na RA e no MST, que precisará ser discutido mais adiante pelo Movimento e que espero que consiga ser solucionado a contento por seus membros.

Um outro tema, por mim abordado, durante a entrevista com a Edna, que também poderia acabar sendo um fator de desagravo dentro do Movimento, mas, que de acordo com as palavras da coordenadora não é, foi em relação a questão do negro dentro do MST, buscando entender se há alguma forma de discriminação dentro do mesmo. A coordenadora explanou que como o MST busca o coletivo e a formação de

uma sociedade socialista em que não há distinção entre seus membros isso não ocorre no movimento. Suas palavras foram

Se a gente trabalha ou se discute a questão étnica? Não é uma coisa que se discute muito especificamente. Trabalham-se muito a questão de gênero. De raça, religião não. Por enquanto, não é algo que se discuta muito. No acampamento tem pessoas de todas as etnias. Quando se faz *sensibilização* para ir para o acampamento se faz com todos, quem quer vai, pode ser de qualquer etnia, credo etc, a adesão é livre. As pessoas que se interessam em dar outro objetivo as suas vidas, vão.

Quando se chega ao acampamento o que conta mais é sobreviver e formar o coletivo. Para você participar do coletivo não tem que dizer se é negro, branco ou o que for. Vai conforme a afinidade com o que se consegue desenvolver. Se você se identifica com o setor de educação vai para lá. E lá não tem essa de porque você é negra vai limpar o bumbum da criança. Você vai limpar o bumbum, pegar na mão, brincar etc; não tem essa diferença. O que fala mais alto é a coletividade, sem separação.

Pode ser que em alguns outros estados tenha. O que aparecia muito, quando se ia a cursos nas regiões do Sul era a questão entre sulistas e nordestino, quando, nos cursos de magistério, debatia-se a questão de que em um estado as coisas aconteciam de um jeito e em outro de outra. Isso acontecia na primeira etapa da jornada, na segunda ou na terceira era nordestino tomando chimarrão, sulista dançando forró com a gente, a gente fazendo caipirinha, outro feijoada.

No início ficava um grupo acusando o outro de esteriótipos "Você é preguiçoso!" Na terceira etapa se quebrava a barreira. Era a questão do preconceito que é estabelecido pela sociedade que rotula as pessoas, mas as questões da cor nem os sulistas têm. E se tem é muito sutil e a gente nem percebe.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO NO MST: TRANSFORMANDO A EDUCAÇÃO NO CAMPO

Para o Movimento a educação é uma prioridade; o ensinar e o aprender são vivenciados no cotidiano das comunidades sem-terra, buscando sempre o resgate histórico dos sujeitos do campo e o direito de aprender. Mais do que decodificar as letras, trata-se de interpretá-las de maneira a questionar e construir coletivamente um espaço de luta pela própria dignidade. (Silva, 2004)

Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004), ao contrário da imagem que a sociedade tem do campo como *um lugar atrasado, do inferior, do arcaico (p.11)*, o indivíduo que vive no campo, seja jovem, mulher, homem, criança ou idoso não é um sujeito à parte na nossa sociedade, é um indivíduo social contemporâneo, sujeito da modernidade, vivendo as conseqüências e contradições de nossa época. Assim, a cultura camponesa entrelaça-se à cultura urbana, unem-se, globalizam-se, mundializam-se.

Mas para que esta visão estereotipada do campo se altere é preciso que se modifique e se reconheça o papel do mesmo no desenvolvimento da sociedade como um todo e isso ocorrerá através da educação do campo. Educação esta que tem como objetivo projetar *o campo como um espaço de democratização da sociedade brasileira e de inclusão social, e que projeta seus sujeitos como sujeitos de história e de direitos como sujeitos coletivos de sua formação enquanto sujeitos sociais, culturais, éticos, políticos.* (Arroyo, Caldart e Molina, 2004, p. 12).

Esta é a principal bandeira da educação defendida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, tema deste trabalho de pesquisa e que esmiuçarei

mais detalhadamente neste capítulo a partir da entrevista cedida por Edna Rosseto (2007), permeada com os resultados das pesquisas dos Cadernos de Educação do MST, alguns textos retirados da Internet, a obra de Jader Lopes e o trabalho de Deise Arenhart e sobre infância e educação dentro do MST, em que buscou ouvir as crianças e suas subjetividades.

2.1 Princípios de educação no MST

A educação para o MST é uma questão muito séria, pois ela está voltada, dentro dos assentamentos e acampamentos para a construção de uma nova sociedade mais igualitária, coletiva e libertadora, como vimos no capítulo anterior. Ela se inicia, segundo o Caderno de Educação nº 8 (1996) dentro do Movimento, segundo seus documentos, em 1979, a partir da realidade vivenciada pelos trabalhadores sem-terra que acampavam na Encruzilhada Natalino, no RS, de terem cerca de 200 crianças que ao acompanharem seus pais na ocupação, encontravam-se perdidas, sem saber direito o que estava ocorrendo, nem o que fazer dentro do movimento.

Há crianças ali e são muitas; mais de duzentas. E estão desorientadas. O que estaria acontecendo em suas vidas? O que pretendem seus pais agitados, e por que fazem tantas reuniões e assembléias? Porque tantas caminhadas, tanta fome, tanta confusão? Por que uma cruz tão grande e tão esquisita no meio dos barracos escuros? O que fazer ali para passar o tempo? (MST, Caderno de Educação nº 13, 2005, p. 12)

Em face de tal realidade alguns adultos, percebendo a ansiedade das crianças, começam a pensar no que fazer com elas. Em um primeiro momento, formam-se grupos de mulheres para orientar seu brincar, conversar com as mesmas sobre o momento em que estavam vivendo e o porquê do mesmo.

Depois, uma professora estadual, Maria Salete Campigotto, casada com um colono que estava dentro do movimento, prontificou-se a cuidar das crianças. No entanto, muitas destas crianças estavam em idade escolar e necessitavam de freqüentar uma escola regular, por isso, ajudada por outra professora, simpática a causa, começam a lutar pela construção de uma escola estadual de 1ª a 4ª série, dentro do acampamento.

Após exaustivas discussões e reuniões, o coletivo do acampamento acabou optando pela construção da escola, por defender a idéia de que a educação de seus filhos deveria seguir alguns princípios específicos, que não fazem parte da escola formal. Princípios estes que discutiremos a seguir. Em relação à educação infantil, esta será discutida em capítulo específico deste trabalho.

O setor de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, de acordo com o Caderno de Educação nº 8 (1996), tem como objetivo o direito à educação básica e construção de uma escola, de uma pedagogia e de metodologias e práticas educativas adequadas à realidade do meio rural e dos assentamentos. As escolas dos assentamentos devem ser escolas públicas e de qualidade. Nos acampamentos também devem garantir escolas públicas. Para tanto, inspiram-se na obra dos grandes mestres pedagogos, que viam na educação um caminho da verdadeira libertação da pessoa humana, em especial de Paulo Freire.

Em relação aos princípios adotados pelo Movimento destacam-se:

- *Princípios Filosóficos da Educação no MST*: educação para a transformação social; aberta para o mundo, aberta para o novo; educação para o trabalho e a cooperação; voltada para as várias dimensões da pessoa humana e uma educação, concebida como processo permanente de formação/transformação humana.

Estes princípios filosóficos são os fundamentos dos objetivos estratégicos do trabalho educativo e dizem respeito visão de mundo de seus membros, suas concepções mais gerais em relação à pessoa humana, à sociedade, e ao que entendem que seja educação.

- *Princípios Pedagógicos da Educação no MST*: devem estar sempre direcionados a relação permanente entre a prática e a teoria; a combinação metodológica entre processos de ensino e de capacitação, bem como a realidade como base da produção do conhecimento; conteúdos formativos socialmente úteis; educação para o trabalho e pelo trabalho; vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos, produtivos e culturais; ligado a uma gestão democrática, através da auto – organização dos/das estudantes; criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores/educadoras; atitude e habilidades de pesquisa; combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais.

Os princípios pedagógicos se referem ao jeito de fazer e de pensar a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos. Dizem dos elementos que são essenciais e gerais na proposta de educação, incluindo especialmente a reflexão metodológica dos processos educativos, chamando atenção de que podem haver práticas diferenciadas a partir dos mesmos princípios pedagógicos e filosóficos. *Ou seja é diferente a prática pedagógica que acontece numa escola infantil de assentamento da que acontece num curso de segundo grau como Técnico em Administração de Cooperativas (TAC), por exemplo. Mas os princípios filosóficos e pedagógicos são (devem ser) os mesmos.* (Caderno de Educação nº 13, 2005, p.176)

No entanto, onde estes contemplam a especificidade do brincar na Educação Infantil? A lei brasileira é clara ao colocar que não deve haver ensino na educação do 0

a 6, pois a ênfase estará no cuidar/educar. As Cirandas Infantis, dão conta do cuidar e educar, mas não dão a ênfase necessária ao lúdico, dimensão humana que, também, é constituída entre as crianças pequenas. Dessa forma, faz-se urgente uma discussão dentro do setor de educação deste tema, pois nossas crianças para terem uma educação plena devem ter contemplados todos os seus direitos, todas as dimensões humanas, sendo o brincar um dos principais.

No tocante, a metodologia seguida nas escolas do acampamento, segundo o Caderno de Educação nº 8 (1996), sejam em qualquer etapa da Educação Básica, versa sobre a preparação das crianças e dos jovens para o meio rural, o desenvolvimento do amor pelo trabalho na terra e também na busca de trazer conhecimentos que ajudem concretamente o assentamento a enfrentar seus desafios nos campos da produção, da educação, da saúde, da habitação, etc.

Assim, o ensino deve partir da prática e levar o conhecimento científico da realidade. O ponto inicial para desenvolver os conteúdos das várias matérias de ensino deve ser as próprias experiências de trabalho organizado das crianças e dos jovens no assentamento. Tenho conhecimento de que os Cadernos são documentos importantes dentro do MST, mas sobre esta afirmação ficam algumas indagações: Será que todo conhecimento deve ser transmitido? Todo conhecimento é patrimônio da humanidade? O ensino é neutro? Tudo tem que ser ensinado? Ou será que pode-se vislumbrar algumas possibilidades aos educandos/educandas e propiciar-lhes meio para que aprofundem os assuntos que mais lhe interessam para a luta da terra, para a superação das desigualdades? Estas são questões importantes que devem ser analisadas com profundidade pelos militantes do MST em prol da formação do novo homem.

Segundo o Caderno de Educação nº 8 (1996), um grande desafio para a escola é ajudar no desenvolvimento cultural do conjunto do assentamento. A escola não precisa restringir sua atuação à sala de aula. Através dos próprios alunos, a escola pode participar e até organizar campanhas de alfabetização de adultos, elaboração do jornal da comunidade, festas culturais, fazendo reflexão sobre estas atividades para que sejam mais uma experiência que se integre ao conjunto das aulas. O (a) aluno (a) precisa ter vez e voz na escola, trazendo seu saber e as lições da luta para integrar o currículo.

Em relação à formação dos (das) professores (as), é preciso investir na formação dos (das) mesmos (as). Para que estes princípios se traduzam numa proposta pedagógica renovada, é fundamental construir uma nova metodologia de trabalho no trabalho com as crianças. Uma metodologia de aprendizagem-ensino, onde a relação prática-teoria-prática consiga inverter a própria lógica usual da apropriação e produção do conhecimento. O MST procura implementar programas específicos de formação para os (as) professores(as) que trabalham nas unidades educacionais.

A escola também é um lugar de viver e refletir sobre os valores do novo homem e nova mulher. A sociedade que temos infelizmente degradou a humanidade e as relações interpessoais, criando vícios como individualismo, autoritarismo, machismo e falta de solidariedade. Precisa-se reeducar a humanidade através destas novas gerações forjadas na luta. A escola, pelas experiências de relacionamento coletivo que proporciona às crianças e aos jovens, pode ajudar a desenvolver os valores do companheirismo, da igualdade, da fraternidade e o próprio valor da busca coletiva e solidária da felicidade, através da luta perseverante pela justiça e pela paz em nosso país e no mundo inteiro.

Assim, procurando englobar as colocações do MST, presentes no Caderno de Educação nº 8 (1996), Lopes (2003), explicita que existe uma tênue ligação entre a vivência da infância e o local onde ela será vivida, pois cada grupo social não só elabora dimensões culturais que tornam possível a emergência de uma subjetividade infantil relativa ao lugar, mas também designa existência de locais no espaço físico que materializa essa condição.

Para Claval (apud Lopes, 2003, p 19) as crianças

Assimilam conhecimentos, atitudes e valores observando o que há à sua volta e imitando-os; as lições recebidas dos adultos destacam os símbolos dos quais são portadores os lugares. A paisagem torna-se, assim, uma das matizes da cultura.

A partir deste pressuposto, são associados diferentes feixes culturais que estabelecem o que é ser criança. E, ao incorporar o espaço como um destes feixes, os diferentes grupos elaboram lugares onde as crianças podem construir suas territorialidades e constituir suas identidades locais, criando uma estreita relação entre identidade infantil e os territórios de infância.

Dentro do MST, não é diferente e as próprias crianças expressam isso, o que se pode comprovar com a Carta que as mesmas escreveram, como texto final do Encontro Estadual dos Sem Terrinha do Rio Grande do Sul, realizado em outubro de 1999,

*Querido MST:
Somos filhos e filhas de uma história de lutas. Somos um pedaço da luta pela terra e do MST. Estamos escrevendo esta carta pra dizer a você que não queremos ser apenas filhos de assentados e acampados. Queremos ser SEM TERRINHA, pra levar adiante a luta do MST. No nosso país há muita injustiça social. Por isso queremos começar desde já a ajudar todo mundo a se organizar e lutar pelos seus direitos. Queremos que as crianças do campo e da cidade possam viver com dignidade. Não gostamos de ver tanta gente passando fome e sem trabalho pra se sustentar. Neste Encontro dos Sem Terrinha que estamos comemorando o Dia da Criança e os seus 15 anos, assumimos um compromisso muito sério: seguir o exemplo de lutadores como*

nossos pais e Che Guevara, replantando esta história por onde passarmos. Prometemos a você:

- *Ser verdadeiros Sem Terrinha, honrando este nome e a terra que nossas famílias conquistaram.*
- *Ajudar os nossos companheiros que estão nos acampamentos, com doações de alimentos e roupas, incentivando para que continuem firmes na luta.*
- *Estudar, estudar, estudar muito para ajudar na construção de nossas escolas, nossos assentamentos, nosso Brasil.*
- *Ajudar nossas famílias a plantar, a colher, ter uma mesa farta de alimentos produzidos por nós mesmos e sem agrotóxicos.*
- *Embelezar nossos assentamentos e acampamentos, plantando árvores e flores, e mantendo tudo limpo.*
- *Continuar as mobilizações e fazer palestras nas comunidades e escolas de todo o Brasil.*
- *Divulgar o MST e sua história, usando nossos símbolos com grande orgulho.*

Ainda não temos 15 anos, mas nos comprometemos a trabalhar para que você, nós, MST, tenha muitos 15 anos de lutas e de conquistas para o povo que acredita em você e é você. Um forte abraço de todos que participamos do 3º ENCONTRO ESTADUAL DOS SEM TERRINHA DO RIO GRANDE DO SUL. Esteio, 12 de outubro de 1999. (Jader, 2003, p 26)

Desse modo, posso então afirmar que a criança se desenvolve nos diferentes espaços de convívio e nas diferentes ações que realiza. Portanto, o meio em que a criança vive é um fator determinante para a formação humana completa, que segundo Machado (2003), *seria a formação do ser omnilateral, ou seja, o desenvolvimento integral do indivíduo, em todas as possibilidades e em todos os sentidos (...), implicando na superação da alienação e da redução das relações entre os homens à troca de mercadorias, e na subordinação de sua propriedade coletiva como “patrimônio cultural”* (p.115, 116).

2.2 Educação para o trabalho?

É bom ser Sem Terrinha, porque a gente canta umas músicas do assentamento, damos gritos de ordem, e ser Sem-Terrinha é um orgulho para as crianças aqui do assentamento. Eu gosto muito também porque os Sem-Terrinha ajudam os outros a trabalhar e vão nas reuniões escutar tudo o que eles falam para aprender. Eles falam tudo o que é feito aqui no assentamento e daí a gente vai sabendo cada vez mais e daí quando nós ficar grandes a gente já sabe tudo o que tem para fazer. (Cléber, 9 anos, apud Arenhart, 2007, p. 118)

Esta questão da educação para o trabalho é uma questão espinhosa dentro do movimento. Ao conversar com Edna Rosseto senti o quanto esse tema é incômodo, bem como não é fácil expor o que de fato ocorre dentro dos assentamentos e acampamentos. Desta forma, neste capítulo resolvi organizar a discussão a partir da entrevista e corroborar os argumentos da coordenadora com as teorias levantadas nos trabalhos de Bezerra Neto (1999) e Arenhart (2007) e de Pistrak.

Assim, início a discussão com a fala de Rosseto sobre o trabalho como princípio norteador da educação no Movimento

O trabalho é um dos princípios que tem na nossa proposta de educação. É princípio educativo, não é o trabalho de exploração infantil. Pode até ser que tenha algum tipo de exploração infantil nos assentamentos, mas seriam casos remotos que a direção do mesmo não saiba, porque dentro do Movimento somos contra não só do trabalho de exploração infantil, mas como exploração ao ser humano, independente de ser criança ou adulto. Acreditamos que o trabalho tenha que produzir a vida e que se aprende a fazer, fazendo.

Estamos perguntando sobre a educação para o trabalho no sentido de preparação para o futuro, que temos no sistema capitalista. Isso também ocorre no movimento?

Está sendo uma discussão nova para nós, porque tem estados e setores que defendem que tem que ser, preparar a criança para assumir o movimento etc. Mas está muito forte a discussão de que não temos que preparar para nada. Temos que deixar a criança e o adolescente

viver o seu tempo. Não sabemos se a criança vai chegar lá e, se essa criança morre logo ali. Ela tem que viver e ser sujeito do seu tempo. Se ela vai aprender a trabalhar, se ela vai aprender a realizar um tipo de trabalho, que seja para, que seja para o futuro. Mas que ela viva este momento de criança, adolescente.

No semestre passado, freqüentei uma disciplina com a Maria Carolina e bateu forte o Walter Benjamin, que traz muitas reflexões para nós. Nestas reflexões víamos que neste processo de se construir como gente, como ser humano, de preparar para, nós não vivemos o passado e nem o presente, pois só ficamos projetando o futuro.

Refleti muito e o Walter Benjamin diz que ao reviver o passado, nós o entrecruzamos com o presente. Nas trilhas que percorremos ao reviver e revisar o passado, projetamos o futuro, porque numa perspectiva de que vamos preparar para, ao cruzarmos o passado e o presente vamos despertando desejos que gostaríamos de viver em um futuro próximo ou distante e isso é projetar o futuro.

Refleti que pouco trabalhamos estas perspectivas com a criança. Ao trabalhar as pedagogias do Movimento, por exemplo, principalmente uma pedagogia da história, ela pouco acrescenta, pois ao vivermos nossas histórias, cultivarmos nossos mártires, não cultivamos porque deve ser bonito, mas para saber o que a pessoa fez, sua trajetória e disso tirar lições para o presente e projetar futuros.

Mas acho que é uma discussão um tanto centrada que não se difundiu por todo o Movimento. Está muito entre uns. Eu vejo que nas crianças, adolescentes e jovens há muito disso. Em muitos assentamentos e estados se trabalha na concepção de preparar a criança para o futuro (dirigente, líderes, trabalhadores etc). E isso, às vezes, começa já na educação infantil e eu fico muito brava quando vejo isso, porque não é isso. Eu fico brava, mas depois entendo porque também fomos formados dentro deste sistema e é difícil quebrar estas lógicas, é um processo e quando se tira o chão e não se têm elementos para se colocar no lugar fica difícil. Nós ficamos pendurados. Tudo fica no ar, sem discurso. Qual seria este novo discurso? De onde se vai partir? Quais pontos lhe dão sustento firme para trabalhar?

Tem setores, dirigentes que estão discutindo, que não se deve educar para. As pessoas são o hoje, tem que viver bem o hoje e não preparar para daqui a cinco, seis anos, quando nem sabemos se estaremos vivos. Tem setores que já têm esta visão e discutem.

Acredito que este será o tema dos próximos encontros que sentaremos para discutir. No próximo encontro de formação sentaremos para discutir a infância e talvez este tema já surja. Porque tem estados e dirigentes que já estão preparando as crianças para serem futuros militantes.

Os livros dizem que esta é uma educação para o trabalho, que visa preparar para um futuro. Na própria educação infantil já encontramos isso, como neste texto (*mostra a revista Pro-posições nº 43. Dossiê Educação Estética*), tem um artigo de umas meninas (Arenhart) de Santa Catarina sobre as cirandas, que mostra isso no discurso, tanto da coordenadora de educação do MST de lá, quanto das meninas educadoras que estão atuando no dia-a-dia das cirandas. E, nota-se uma diferença imensa se você vai ao assentamento e começa a

observar o próprio mundo das pessoas e seus discursos vemos que algumas buscam deixar as crianças viverem o hoje, sabendo que o futuro é uma incógnita que pode ser projetado no imaginário, mas se vai acontecer ou não ninguém sabe. Podemos projetar uma nova sociedade, uma nova educação, mas projetar uma vida! É complicado.

Assim, veremos dois discursos: ser futuro cidadão, dirigente, prefeito etc e outro discurso de trabalhar com as crianças de serem sujeitos, pois já são cidadãos, bem no início. O primeiro está bem mais avançado e faço esta reflexão porque somos educados dentro deste sistema, que nos fez projetar nossa vida e só vivemos projetando para. Por exemplo, o que vemos nas escolas, independente de ser do Movimento ou não, é *“um pega para capar”*: a educação infantil prepara para a primeira série do ensino fundamental; a primeira parte do ensino fundamental um, para o ensino fundamental dois; quando chega neste se prepara para o ensino médio; o ensino médio para o vestibular... E vira uma bola de neve que está sempre preparando para. O sistema educacional brasileiro é este, só prepara a gente para.

Outro dia tive uma briga com a professora do meu filho. Imagine o coitado lá na terceira série, e a professora o obrigando a escrever de caneta. E o bichinho escreve tão bonitinho a lápis, mas fazia uns rabiscos que ninguém entende. Então, eu disse não, deixe ele escrever a lápis, ele não gosta de escrever de caneta a letra dele fica toda borrada, feia. Vamos falar com a professora para você voltar a escrever a lápis. E a professora para mim, *“não ele precisa escrever de caneta porque quando chegar na quinta série ele já sabe”*.

Eu disse para a professora e se ele morrer amanhã, minha senhora? Ele vai se preparar para a quinta série? Deixa que na quinta série ele resolve o problema e escreve de caneta. Basta que você ensine para ele as coisas da terceira série. Eu não vou te cobrar que ele aprenda coisas da quarta série, que ele aprenderá quando chegar lá. dessa forma, ele voltou a escrever a lápis. Mas é difícil.

E casos como estes dentro de uma organização são terríveis porque se trabalha com gente e ao se trabalhar com gente tem todas as idéias, concepções, pessoas de todos os lugares a até você construir um discurso dentro da organização, junto com todos é um processo longo. E, dentro do movimento, se tem uma coisa que não pega é moda. Tudo temos que construir.

Corroborando a palavras de Rosseto, sobre a visão que os teóricos tem sobre a educação para o trabalho dentro do MST, de acordo com Bezerra Neto (1999), para o Movimento deve haver uma integração entre escola/trabalho, no sentido de que a primeira deve preparar as crianças para *trabalhar no assentamento e liderar as lutas dos trabalhadores em geral rumo à construção da sociedade socialista*. (p. 90). Para complementar o autor coloca que *a valorização do trabalho é considerada a mais*

importante forma de educação, principalmente se nela estiverem embutidos elementos que levem à prática e à seleção de conteúdos relacionados aos direitos de cidadania.

(idem, p.90)

Para tanto, e também, para melhor aproveitar os estudos o MST acredita que a criança deve estabelecer uma ponte entre a teoria estudada na escola e a prática. Esta defesa do trabalho como método pedagógico não nasceu no MST, mas vem de tempos antigos, remontando a Marx,

Como Marx, o MST entende que essa integração seria possibilitadora da formação de um indivíduo completo, capaz de fazer face às diferentes situações de trabalho, sendo que o meio indicado para realizá-lo giraria em torno da aprendizagem do saber-fazer ligado aos diversos ramos e etapas do processo produtivo (Bezerra Neto, p. 91)

Para Pistrak (1981), a construção de uma nova sociedade, implica em que ela seja feita “de baixo para cima”. Para isso, é necessário que cada membro ativo da sociedade compreenda o que é preciso construir e de que maneira é necessário fazê-lo. Tal postura leva à valorização do trabalho coletivo e à criação de formas organizativas eficazes. Para ele, a aptidão do trabalho coletivo é adquirida no processo do próprio trabalho. É necessário saber quando é preciso mandar ou obedecer, e isto se consegue através da auto-organização dos educandos, em que todos, na medida do possível, ocupem sucessivamente todos os lugares, tanto as funções dirigentes como as funções subordinadas. Isso só será atingido se a auto-organização for admitida sem reservas. Conhecimento do real e auto-organização são chaves da nova escola, inserida na luta pela criação de novas relações sociais.

(...) Pode-se ver o trabalho como um princípio básico que forma a personalidade, como meio de criar a pessoa com aptidões coletivas, formar e desenvolver nela uma série de aptidões sociais e hábitos. E, portanto, pode colocar para si a tarefa de extrair de todo tipo de trabalho seu lado positivo, não complicando as coisas, não tentando atingir o impossível. (Pistrak, s/d, p. 26)

Para o autor russo, a educação para o trabalho deve ser um instrumento que capacite o homem a compreender seu papel na luta contra o capitalismo, o espaço ocupado pela classe trabalhadora nessa luta e o papel de cada um, para que saiba, no seu espaço, travar a luta contra as velhas estruturas. Esta educação fundamenta-se no estudo das relações do homem com a realidade atual e na auto-organização dos/das alunos/alunas. Uma vez que a realidade atual se dá na forma da luta de classes, trata-se de penetrar essa realidade e viver nela, daí a necessidade de a escola educar os jovens conforme a realidade do momento histórico, adaptando-se a ela e, por sua vez, reorganizando-a.

Arenhart (2007), vai mais longe em seu discurso ao colocar a realidade das crianças que vivem na zona rural das grandes cidades ao colocar que estas necessitam ajudar seus pais na lavoura, no cultivo, no trato da casa e dos irmãos, ainda mais que dentro do Movimento a mulher tem um papel ativo na economia familiar, ajudando seus maridos na lida diária, bem como na articulação de todos os setores do MST. No entanto, este trabalho não lhes tira a dignidade e o direito de se constituírem como crianças e de vivenciarem o seu tempo. Em outras palavras, as crianças encaram o trabalho tanto como um bem necessário para sua aprendizagem, quanto como uma forma de estar junto aos seus familiares, aos colegas, de reinventar o lúdico.

O trabalho coletivo é muito divertido, porque é junto com os outros e a gente vai brincando também. Que nem quando a gente vai levando o adubo na horta, uns vão colocando e quando busca dá para subir no carrinho e brincar de levar o outro passear (Volnei, 8 anos, apud Arenhart, 2007, p. 151)

Nos grupos é melhor, porque sozinho a gente ia demorar muito para fazer os trabalhos e em um só a gente não se diverte; em dois a gente já brinca de se jogar água, na horta nós brincava de pegar o regador e ficar se jogando água para cima, a gente ficava tudo molhado e a

professora não gosta, ainda mais quando a gente molha o cabelo (Cléber, 9 anos, apud Arenhart, 2007, p. 47)

Essas situações só se tornam possíveis dentro do Movimento devido ao fato de que

(...) ao contrário do que ocorre tradicionalmente em nossa sociedade, na qual à maioria das crianças compete assistir passivamente ao percurso da história, no MST elas são incluídas no próprio fazer da luta. O que favorece essa inserção é o fato do MST ser um movimento que envolve toda a família expropriada da terra, uma vez que trata, em princípio, de garantir as condições básicas para sua sobrevivência. (Arenhart, 2007, p. 20)

Dessa forma, cabe às crianças do MST, assumirem a sua parte na luta por uma oportunidade de trabalhar a terra e de tirarem dela, juntamente com seus familiares, além do pão de cada dia a dignidade perdida durante o processo.

Sou um sem terra, não porque eu gosto ou aprecio, mas sim porque a vida ou o país me empurraram para esta situação (Édson Ferreira, 4ª série, MT, apud Arenhart, 2007, p. 47)

É esta consciência presente na fala de Édson Ferreira, que as escolas do assentamento buscam construir no coletivo com seus alunos e alunas, não porque pretendem uma doutrinação dos mesmos, como foi veiculado pela imprensa burguesa, mas para que estes saibam a realidade em que vivem, se integrem a ela, lutando para transformá-la. Se esta é uma educação para o trabalho, com certeza difere muito da concepção capitalista que temos e, embora vise uma preparação para, de acordo com os pequenos e pequenas não é um fardo e sim uma fonte de liberdade e um sopro de vida com dignidade. *Quando uma pessoa tem vida, ela faz muitas coisas, como trabalhar, brincar, estudar, correr, pular e ajudar os outros.* (Cléber, 9 anos, apud Arenhart, 2007, p. 120)

CAPÍTULO III

AS CIRANDAS INFANTIS

A Ciranda Infantil é um espaço educativo, organizado com o objetivo de trabalhar as várias dimensões do ser criança Sem Terrinha como sujeito de direitos, com valores, imaginação, fantasia e personalidade em formação, vinculando as vivências com o trabalho educativo, a saúde e a luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária, as mudanças sociais. (MST, 2004, p. 37)

Para se entender como se constitui a educação infantil, ou seja a educação da criança de 0 a 6, dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, é preciso construir um conhecimento sobre as Cirandas Infantis em suas peculiaridades, pois a educação infantil, dentro do movimento, são as Cirandas Infantis em sua plenitude, embora estas, quando na categoria Itinerante sejam ofertadas à infância sem-terra, incluindo, assim as crianças maiores.

Dessa forma, neste capítulo pretendo construir uma discussão a respeito das Cirandas, seus agentes, metodologias, como se compõe, a quem se destina, onde e como ocorre entre outros, para efetivamente conhecermos as nuances que formam a educação da criança pequena dentro do MST. Para tanto, utilizarei as contribuições de Ponce, Àries, Del Priore, o Caderno de Educação nº 12 do MST e, principalmente, a entrevista de Rosseto.

3.1 Breve histórico da construção da infância e da Educação Infantil

As relações sociais e humanas constituídas ao longo do processo histórico e social se fazem pelas construções das relações de produção vigente em cada período histórico (Ponce, 2003). Partido desta premissa pode-se afirmar que a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo do tempo, conforme as determinações de produção vigentes na época. Assim, cada época, de acordo com as produções subjacentes à mesma construirá uma visão peculiar e particular da criança e da sua educação.

Foi assim na Idade Média, onde, de acordo com Àries (1978), não existia um sentimento do ser criança, uma vez que não existia um sentimento de infância que distinguisse esta do adulto, haja vista que o índice de mortalidade era alarmante. Assim, não fazia muito sentido se apegar a um ser que poderia vir a perecer em tenra idade. A criança, nesta época, era considerada um adulto de pequeno tamanho, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos.

O autor coloca que esta situação perdurará até meados do século XVIII que, embora não tenham ocorrido mudanças significativas no padrão filantrópico e assistencial das políticas sociais, traz o contexto da Revolução Industrial, do Iluminismo e da constituição dos Estados laicos oferecendo o registro das primeiras iniciativas de atendimento à infância, que ocorrerá nos refúgios ou asilos, que abrigavam crianças, filhas de mães operárias, criados por volta de 1774, na França cuja origem está nos movimentos filantrópicos de cunho marcadamente assistencial.

Ainda de acordo com Àries (op. cit), no período de transição do feudalismo para o capitalismo ocorreram, na Europa Ocidental, alterações nas relações sociais que

tiveram reflexos na organização familiar, escolar e no sentimento de infância. A criança nobre passou a ser fonte de alegria para os adultos, surgiu um sentimento de dor pelas que vinham a falecer subitamente, passando-se a conservar retratos dos filhos, mortos e vivos. No entanto, a criança da plebe continuava a ser tratada como na Idade Média.

No século XVII europeu, a paparicação foi considerada pelos moralistas como algo prejudicial, pois tornava as crianças mimadas e mal-educadas. Por isso, foi proposta a educação e moralização dos pequeninos com o objetivo de torná-los, mais tarde, pessoas honradas, e homens racionais. Para essa missão incumbiram-se os colégios que, na época, já tinham sido estendidos aos leigos nobres e burgueses e às classes populares. A criança deixou de ser divertida e agradável e tornou-se educável para as teorias do ofício.

A substituição da educação prática pela teórica e o apelo dos moralistas foram correspondidos pelos pais através da preocupação de vigiar seus filhos mais de perto e não abandoná-los mais aos cuidados de outras famílias. Essa aproximação pais-criança, gerou um sentimento de família que não existia até aquela época e a criança se tornou o centro das atenções, pois a família passou a girar em torno dela.

A situação no Brasil, segundo Del Priore (1998), até fins do século XIX, indicavam que os índices de mortalidade infantil eram alarmantes, mas se justificava o fato com a noção de que a criança seja negra ou branca, era tida como um anjo sem pecado. As crianças filhas de escravas desde cedo acompanhavam suas mães na sua lida diária, uma vez que estas as amarravam às costas para trabalhar, sendo que caso estas trabalhassem como amas-de-leite seus destinos era a Roda.

A infância das crianças filhas dos escravos durava até os seus cinco, seis anos, quando passavam a exercer alguma atividade auxiliar. Dos doze em diante, tanto

meninas como meninos eram vistos como adultos no que se refere ao trabalho e a sexualidade.

Os meninos brancos, a partir dos seis anos, iniciavam-se nos estudos de latim, de gramática, de boas maneiras, nos colégios religiosos, onde a vara de marmelo ajudava a transformá-lo em adultos precoces. Dos sete anos em diante, o jovem brasileiro possuía a gravidade de um adulto, vestindo-se inclusive como eles, de chapéu, bengala e colarinho engomado.

De acordo com Del Priore (1998), nos séculos XVIII e XIX, a Roda recebia as crianças de qualquer cor, mas seus usuários geralmente eram os filhos das escravas. A partir da segunda metade do século XIX, essa prática tornou-se alvo de críticas do movimento abolicionista e do movimento higienista, que inicia uma luta em prol da reeducação física, moral e intelectual da mãe das classes abastadas, criticando o uso das amas-de-leite e da Roda.

Com a abolição da roda e as próprias mães passando a sustentar seus filhos, amamentando-os, como sugeria os higienistas, surge um novo problema: o que fazer com os filhos das escravas e das ex-escravas que tinham que fazer os trabalhos domésticos? É neste contexto que surgem as primeiras creches brasileiras, implantadas por médicos, que auxiliados pelas mulheres burguesas, realizaram seus projetos higienistas, visando o atendimento dos filhos das trabalhadoras domésticas.

As profundas e rápidas transformações políticas e sociais, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, abrem, no Brasil, o caminho para a construção de uma nova sociedade do tipo capitalista e urbano. Na sociedade capitalista iniciada na Europa com a Revolução Industrial, no século XVIII, a criança não pode participar logo do processo de trabalho, pois este passou a requerer um

conhecimento específico, que ela não possuía. Então, a criança tornou-se alguém que precisava ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação posterior.

Assim, segundo o Caderno de Educação nº 12 (2004) do MST, que utilizarei a partir deste ponto para discutir a construção da Educação Infantil em nosso país, as creches, criadas com o intuito de cuidar, eram ofertadas as crianças oriundas das classes menos privilegiadas e a pré-escola, voltadas para a escolarização, as de origem abastada.

Nos anos 20 e 30 do século XX, com o Movimento Escolanovista e as Reformas Educacionais ocorre a criação de vários jardins de infância nos estados. Sendo, ainda, durante a década de 30, Mário de Andrade cria os parques infantis, no departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, com a proposta de defender uma concepção de cultura e da criança, *reconhecendo a criança como produtora de cultura, identificando a existência de uma cultura infantil.* (Cadernos de Educação número 12, 2004, p. 14)

Posteriormente, com o crescimento econômico do país e da necessidade de um maior número de trabalhadores, a absorção das mulheres pelo mercado de trabalho também cresceu e da mesma forma, cresce a necessidade de se conseguir locais adequados para as crianças, oriundas da classe operária ficar em segurança, sendo cuidada e educada.

Assim, no final da década de 60, surgem os movimentos feministas e a luta por creches. Embora heterogêneos em relação aos seus membros, estes grupos têm um ponto em comum: a reivindicação por creches. Esses movimentos se consolidam, nesta época nas grandes cidades do país, tendo como prioridade atender as camadas populares.

Posteriormente, esta luta pela creche, que iniciada pelo movimento feminista e a esquerda era travada por movimentos de nível mais local, como sociedades de bairros e setores progressistas da Igreja Católica, passa a ser a bandeira dos sindicatos e associações de moradores, que agora iriam lutar pela creche, passando a educar a criança de 0 a 6 anos em equipamentos educacionais, que passem a considerar a criança como *sujeitos que se educam desde a mais tenra idade*. (Caderno de Educação 12, 2004, p.18)

Mas será apenas nos anos 80 que se começa a construção de uma política nacional de Educação Infantil, que passará, a partir da Constituição de 1988, a ser um direito da criança de 0 a 6 e da família e um dever do estado, o atendimento em creches e pré-escolas, caracterizando a creche como um equipamento educacional.

Esta abertura da constituição culminará nas deliberações posteriores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996, da educação nacional, que consolidarão a educação da criança de 0 a 6 anos em instituições públicas como direito; a questão da formação docente e, por último, mas não de somenos importância, estabelecerá que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, primando pela função de educar e cuidar indissociavelmente durante este processo e o brincar.

3.2 Educação Infantil no MST

Para contar o que é a educação infantil no MST, suas características, alcances e outras especificidades, trago a voz de Edna Rosseto em sua entrevista, que sintetiza o que é esta educação de forma realista, muito mais do que o parco material coletado

sobre o assunto, que segundo a entrevistada trata-se das teorias tecidas sobre o tema dentro do Movimento, mas que ainda não ocorrem na prática devido a diversos fatores que nos apresentará no decorrer de sua explicação.

Com a palavra Edna Rosseto

Como surgiu a demanda pela creche e a educação Infantil dentro do Movimento?

Antes tinha a educação infantil dentro do Movimento, mas era uma iniciativa mais dentro dos Estados, em um sistema de cooperativismo, pois devido à necessidade de mão de obra das mulheres dentro dos espaços, surgia a demanda por creches.

Em 1996 começa-se a discutir, a nível nacional, o que seria isso. Seria creche? Como implantar e trabalhar estas demandas no Movimento, dentro da perspectiva dos princípios de educação construídos no mesmo? E, também, era preciso discutir estes fatos do ponto de vista de uma perspectiva educacional, porque estas “creches” eram mais uns depósitos de crianças, um lugar para ficar para que as mães ficassem livres para poderem trabalhar.

De lá para cá, houve avanços nas concepções, nos objetivos a serem alcançados, nos princípios etc, mas nas questões práticas do cotidiano há muitas limitações, principalmente na formação dos educadores. Às vezes é escolhido a laço quem tem disponibilidade e quer educar.

Os critérios para educadores infantis são os mais diversos, o que dificulta a prática desses educadores no cotidiano a ser desenvolvido com as crianças, o que torna mais difícil discernir o que é mais importante e primordial no momento de construir algo mais concreto e palpável de acordo com os princípios.

Em certos estados e assentamentos existem boas experiências, que investem bastante na formação dos educadores, tendo uma concepção mais voltada para os princípios do MST. Ai se consegue desenvolver uma prática mais condizente com o que andamos falando e discutindo a nível nacional, porque há vários discursos tanto entre os educadores, quanto na coordenação: os que passaram por cursos de formação e estão engajados no Movimento têm um tipo de discurso, os que vêm para o acampamento sem formação, tem vontade de contribuir para ajudar, tem outro. Percebe-se que só trabalhando pode-se mais do que nivelar discursos tão dispares, fazer com que os princípios do Movimento sejam acessíveis a todos.

Eu li este caderno aqui de Educação infantil do Movimento, então nem tudo o que está aqui, existe na prática?

O Caderno de Educação Infantil (nº 12, 2004), do Movimento ainda não está de todo implantado. Como já coloquei, em alguns estados há muito já incorporado, outros nem conhecem o mesmo. Até porque há

um elemento muito forte dentro do Movimento em que os assentamentos mais antigos já estão mais avançados no processo organizativo o que quer dizer que estão mais avançados no processo de educação e outro acabou de sair da fase de acampamento e estão caminhando. Tem várias fases dentro dos acampamentos, alguns mais próximos dos escritos idealizados na cartilha e outros que nem conhecem os primeiros materiais elaborados, que nem queremos mais saber, nem existem mais.

Tem todo tipo de realidade que se imagine dentro do Movimento. Mas acho interessante que tendo diferentes realidades é muito forte a questão da educação. Todo acampamento tem como principal preocupação à organização do setor de educação e, começa a organizar mesmo, no assentamento, pela educação infantil e pela EJA (Educação de Jovens e Adultos) e não pelo ensino fundamental ou médio, começa por estas duas frentes de educação.

A lógica estaria no fato de que seria pelos pequenos que se começa a mudar?

Sim, as crianças maiores começam a se organizar, estudar e os pequeninos têm que ter o espaço deles, nem que seja apenas uma ou duas vezes na semana para se encontrar e tudo mais e começam a discutir a questão das várias conjunturas da reforma agrária etc.

Os adultos também sentem a necessidade de aprender, aprofundar os conhecimentos, mesmo os que já estão alfabetizados fazem grupo de estudo para aprofundar temas e tem vontade de saber mais, tem este espírito.

Mas geralmente, as cirandas infantis e a educação de adultos são, geralmente, as duas frentes que se organizam primeiro no setor de educação do acampamento. Isso se deve ao fato de que as outras modalidades educativas necessitam de outros trâmites, ir a secretaria de Educação, mobilizar carros e para estas duas frentes basta ter espaço e mobilizar a comunidade.

Elas seriam mais ou menos não formais...

Isso, elas podem existir de modo informal. Como direito deveriam ser legalizadas tudo na ordem formal, mas podem existir na informalidade e se há à necessidade vai lá e organiza.

3.3 As Cirandas Infantis: o que são e a quem se destinam?

As Cirandas Infantis, existem em duas modalidades. Vou começar pelo início, em 1996, quando percebemos que havia várias iniciativas por creches nos assentamentos. Nós ficamos bem preocupados com as mesmas, por serem para lá de depósitos de crianças. Neste momento também percebemos que na própria militância, em nível nacional, várias

mães deixavam de participar de muitas atividades porque não tinham com quem deixarem os filhos.

Assim surgiu uma discussão a respeito destes problemas e em 1996, houve a primeira discussão nacional sobre educação dentro do MST. Começamos assim, a nos preocuparmos e discutirmos o que seria a frente da educação dentro do Movimento, pois até então nós tínhamos apenas 1ª à 4ª série, 5ª a 8ª e Ensino Médio, em alguns poucos Estados. Hoje a discussão mais forte esta no ensino médio por causa da juventude e da EJA.

Então surge a demanda pela educação infantil, pois a militância passa a preocupar-se com a mesma e assim, elaboramos o primeiro *Boletim sobre educação*, não era nem um caderno. Juntamos um grupo para elaborar um documento sobre o que seria a educação infantil dentro do Movimento, com o objetivo de discutir que “cara” teria esta educação dentro do Movimento. A partir de 1996, nós começamos, a experimentar o que seria esta educação na prática, saindo apenas da teoria.

Nós estávamos tão assustados com a palavra creche, porque esta era uma realidade muito esquisita. Também, tinham creches com experiências bastante interessantes em alguns estados, embora fosse a mesma realidade no país os resultados eram diferentes: umas assemelhavam-se a depósitos e outras vivenciavam experiências interessantes.

Na época, no estado de São Paulo havia casos de crianças que tinham morrido engasgada com mamadeira, lembro-me que tinha morrido uma criança por choque elétrico na tomada, retratando um descaso nacional com a educação infantil. A partir destes fatos veio essa discussão efervescente em todo o país e não só no movimento.

As nossas creches, na época, era apenas um espaço onde se colocavam todas as crianças para algumas mães cuidarem, enquanto outras iam trabalhar. Os espaços dentro das mesmas eram insalubres, sem brinquedos, escuros, as crianças preferiam mais ficar lá no mato do que no lugar. Era tudo sem planejamento, estrutura. Só acontecia porque havia a necessidade e tinha que acontecer.

Isso não quer dizer que a mesma situação ocorria em todos os assentamentos. No Rio Grande do Sul havia experiências de creches bem avançadas, bem como em outros lugares.

Após a discussão resolvemos que esta experiência não aconteceria com nome de creche não. Teria outro nome que fosse a cara do Movimento. Começamos a levantar o que seria este movimento das crianças pequenas; este espaço pedagógico das crianças ficarem, se encontrarem, brincarem.

No Nordeste tem muito essa prática das cirandas, das danças e é uma coisa bonita e eles têm muito disso no assentamento porque as crianças também participam das cirandas, que vem dos indígenas. E, assim, decidimos dar a estas experiências o nome de Cirandas Infantis do MST.

Agora o que isso significa dentro do Movimento? Além da discussão a respeito da educação infantil significa também: união, força, coragem, brincadeiras etc. Porém, todo este apanhado denominamos os nossos espaços em cirandas infantis. Nós começamos as experiências

dentro dos assentamentos para poder ir modificando aquelas estruturas que existiam dentro dos mesmos. Estas seriam as cirandas infantis Permanentes.

Em nível nacionais e estaduais para as mães que participam de cursos e reuniões, criamos estes outros espaços que são as Cirandas Infantis Itinerantes. Estas antes aconteciam nas reuniões. Hoje elas acontecem nos cursos, reuniões, místicas. É impossível pensar em reuniões em qualquer setor sem pensar as cirandas, porque as mães militantes estão em todos os espaços: nas direções nacionais, na direção do assentamento, organização de brigadas. Tem todo um trabalho e discussão na coletiva de gênero a respeito de que todas as coordenações têm que comportar pelo menos um casal ou um homem e uma mulher.

E, é preciso pensar como esta mulher participa. Não é só dar-lhe oportunidade de participação, mas ofertar condições desta participação acontecer. É necessário organizar a vida da mulher para que esta participe de tudo o que ocorre dentro do Movimento com qualidade. E tem que ser organizado mesmo porque as mulheres estão em todas as frentes dentro do Movimento; no setor de educação; de produção, que foi um dos últimos que começou a pensar na educação infantil, por antes ser apenas composto por homens; hoje é impossível porque a “mulherada” está lá no setor de produção. Hoje a participação das mulheres é muito grande.

3.4 Formação dos educadores/educadoras das Cirandas Infantis

As educadoras das Cirandas no começo eram só mulheres, no caso a grande maioria as próprias mães. Depois fomos trabalhando com as mesmas para que deixassem seus filhos nas cirandas, porque assim poderiam atuar em outros espaços, até para que elas tivessem um tempo para elas. Hoje são poucas as mães que participam nas Cirandas, só as que gostam, que querem atuar, mas geralmente, são colocadas para trabalhar com outras crianças que não seus filhos a fim de que se sintam úteis e mais tranquilas.

Ultimamente as crianças nos colocam que se identificam mais com os homens, preferindo ficar com eles. Desse modo, quando fizemos a experiência de ter homens e mulheres e vimos que algumas se identificavam mais com homens, outras com mulheres. Agora temos esse cuidado em ter homens e mulheres atuando, principalmente nas cirandas itinerantes dos encontros nacionais. Nos assentamentos depende da discussão do coletivo local e da disponibilidade de contribuição das pessoas.

E têm assentamentos que têm homens e mulheres, principalmente os que estão vinculados às escolas itinerantes, realidade do Paraná e do Rio Grande do Sul, que tem as escolas itinerantes próprias do acampamento e destas cirandas vinculadas à escola, têm educadores homens. São assentamentos mais antigos cuja caminhada é mais longa, mas em sua maioria os educadores são do sexo feminino. Tem até os meninos que desenvolvem um trabalho com a criançada, mas apenas

com as crianças maiores, de um nível mais elevado a partir dos três anos até os doze. Eles desenvolvem um tipo de trabalho com a criança que querem: correr, brincar, pular, jogar futebol; um trabalho neste nível. Não querem trocar fraldas, não.

Nas Cirandas Itinerantes Nacionais, temos mais educadores homens que gostam de ficar com os pequenos, trocar fraldas, dar banho, atenção, contar histórias, têm o maior carinho com os bebês com quem se identificam muito. Houve um período que tinha um homem na coordenação nacional das cirandas que fazia um trabalho muito bonito. Ele só tinha a 8ª série, depois fez o magistério e se identificava muito com os bebês e cuidava bem dos mesmos.

E, em relação ao processo de formação dos/das educadores/educadoras das Cirandas?

Em relação à formação dos/das educadores/educadoras das cirandas, nós conseguimos desenvolver mais em nível de estados e grandes regiões (Sul, Nordeste, etc). Geralmente, uma, duas vezes ao ano conseguimos sentar os/as educadores/educadoras e fazer uma formação de oito, dez dias para discutir tanto a prática, quanto à teoria. O setor de educação está organizado e conseguimos acompanhar nas localidades, regionais os assentamentos onde tem experiências interessantes e assim, incentivamos o pessoal a implementar estas experiências interessantes, inovando as experiências vivenciadas.

A nível nacional conseguimos fazer encontros para discutir a educação infantil e a infância de modo geral. Nos dias 8 a 11 de maio de 2007 teremos um encontro de formação para discutir o lugar da infância sem terra no MST em todos os setores: educação, gênero, produção, comunicação, formação, cultura. Virão dirigentes de todos os setores para discutimos o tema, porque ultimamente a questão da infância tem sido uma preocupação muito grande para nós, porque as crianças cobram e querem saber qual o lugar delas. Tanto as crianças quanto a juventude querem ter respostas a esta questão e identificar a forma como participam.

Logo após este seminário da infância faremos um encontro de capacitação com todos os/as educadores/educadoras de educação infantil dos estados, de 11 à 16 de maio de 2007 na Faculdade Florestan Fernandes. Estes/estas, de uma certa forma, são os responsáveis pela formação nos estados e que terão a missão de voltar para os seus estados e multiplicar os saberes que tiveram acesso no encontro. Esta capacitação tem o objetivo de ser uma preparação para o quinto congresso e as crianças vão. Estamos com uma perspectiva de 300 a 400 crianças no congresso em maio de 2007, com a participação das mães na mística e não tem com quem deixar as crianças, pois vão a mãe, o pai, todo o assentamento.

Quando se divide o assentamento para uma parte ir e outra ficar, divide-se a tarefa de quem fica para cuidar das crianças. Isto acontece quando se tem marcha. Já o congresso é uma festividade que acontece de cinco em cinco anos, geralmente vão todos, a família, porque é uma comemoração das vitórias, lutas, desafios. É uma comemoração nossa. E, têm um caráter mais de confraternização do que de luta. Então, se

decidimos que vai ser embaixo da lona, não tem problema, porque nós começamos debaixo da lona, então não é muita novidade para as crianças, é mais para os/as educadores/educadoras que estão acostumados a trabalharem com uma estrutura melhor que não tem no congresso. Para as crianças é um detalhe, tudo é festa.

E se consegue organizar tardes culturais, apresentações teatrais; tem pessoas que apresentam peças infantis; o setor de cultura organiza festivais; é uma semana de festas para os pequenos que adoram. No último congresso eram 11.000 delegados e cerca de 300 crianças, neste serão 15.000 delegados, e teremos mais de 400 crianças com certeza, podendo chegar a 500.

Então, este encontro de capacitação é para decidirmos como nós organizaremos as cirandas no congresso; o trabalho nos estados; a infra-estrutura a ser montada; os kits de remédios que serão levados entre outras coisas. Discutiremos o que cada um vai levar e como faremos; quem vai trabalhar a capacitação nos estados, porque tem estado que dá conta e outros não. Roraima por exemplo, está começando no processo de invasão de terras, tudo lá é muito novo e precisa ser ajudado. Tem estados mais antigos que não têm o setor de educação organizado, tem uma pessoa para fazer tudo. Por tudo isso é preciso mandar alguém até lá para ajudar. O congresso será de 11 a 15 de junho de 2007 e temos que correr contra o tempo.

Os estados mais organizados seriam Rio Grande do Sul e Paraná?

Não, temos vários estados mais organizados no Nordeste. É que são os mais próximos, os primeiros, que começaram tudo. Há nível de Nordeste temos experiências interessantes. As primeiras Cirandas Itinerantes vieram do Ceará em encontros de formação. Ceará e Pernambuco têm o setor de educação bem estruturado. Os encontros de formação em Pernambuco são freqüentes para discutir tanto a educação infantil, quanto a EJA e a educação em geral.

O estado da Bahia é muito bem organizado. Todos estes estados têm curso de capacitação e de formação formal continuada em parceria com as universidades. Espírito Santo é um dos pioneiros na área de educação. As maiores experiências vieram deste estado. A questão do tempo de alternância, tanto este quanto o Rio Grande do Sul são pioneiros, embora aconteça naqueles estados.

As experiências relatadas em obras ficam mais centradas nos estados da Região Sul e Sudeste, por serem mais próximos, os outros são de difícil acesso e o material de pesquisa é escasso. Tem outros estados mais avançados na no processo educacional, Sergipe é um que tem várias experiências boas; Alagoas está implementando as escolas itinerantes; o Piauí acabou de formar uma turma de Magistério em convênio com a secretaria de educação de lá. Formaram-se lá e estão no processo de formação das cirandas itinerantes de lá. E outros estados têm experiências muito bonitas também.

O Magistério não existe mais, como seria este magistério que você citou?

Falamos Magistério, mas seria o Ensino Médio, com disciplinas voltadas para a educação infantil. Fizemos um curso de Magistério no ITERA, dois anos atrás, outra turma de Pedagogia no Pará com especificidade na educação infantil e agora fechamos convênio com a UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), em São Paulo para realizar curso de Pedagogia com licenciatura em educação infantil, buscando formar pessoas com conhecimentos práticos e teóricos porque percebemos várias limitações e contradições tanto nos nossos discursos, quanto na prática dentro dos assentamentos.

Vamos lendo e vemos que nossas práticas estão tal e qual o sistema capitalista nos impõe, mas vemos também que elas estão ali, mas podem avançar, mudar e ter uma prática diferenciada. Notamos estas contradições e vemos que pode haver mudanças. Muitas vezes realizamos o que o sistema impõe por só temos esta perspectiva e mais nada, mas às vezes temos que começar com o que o sistema nos dá e ir mudando, através de questionamentos, estudos, reflexões que nos levam a mudar nossa prática e nosso discurso.

Este material (o caderno) é o que a gente sonha, mas ainda não está na prática. Até porque se isto tivesse implementado não estaríamos no sistema capitalista estaríamos em outro, não sei se socialista, capitalista, mas seria outro sistema de educação. Porque nossos materiais são baseados na nossa realidade e vêm das nossas práticas, produzidos no coletivo.

Este caderno, foi organizado por mim e pela Lídia e levou dois anos para ser produzido, acho que na verdade uns quatro anos, ele ia para os estados, cursos, voltava, ia de novo. E cada estado ou grupo colocava sua opinião, mostrava o que não condizia com sua realidade e poderia acrescentar; pontos avançados e outros a serem implementados.

A turma do Pará, que fazia Pedagogia, deu muitas sugestões. O material do Mato Grosso do Sul, é todo produzido coletivamente. Os textos não são produzidos por uma pessoa. Pode até ter o nome de alguém, mas sua construção foi elaborada por muitas vozes no processo de produção de construção deles.

3.5A questão de gênero dentro do MST

Ultimamente a questão de gênero tem sido bastante discutida. Por exemplo, se tem uma reunião da coordenação nacional, que é composta pela paridade de gênero é preciso pensar em uma ciranda porque as crianças estarão lá. E, elas não vão porque é bonito, muitas vezes a família não tem com quem deixar. Em outras ocasiões, a família tem dois filhos e o pai e a mãe participam, cada um leva um. Se o pai vai para um encontro de formação em Brasília e a mãe para São Paulo e são do Paraná, cada um leva um consigo.

Pode acontecer de estarem os dois estudando, como aconteceu quando fazia especialização. Tinha um casal na faculdade que o marido cursava História na Paraíba e a mulher fazia o curso de Especialização

em Educação do Campo em São Paulo, na Florestan Fernandes e tinham dois filhos e sem ter com quem deixar. A mãe trouxe o menor consigo e a maior foi com o pai. Tem todo um trabalho que a gente faz. Quem tem com quem deixar a criança deixa. Quem não tem leva consigo.

Por mais que tenha a Ciranda nós vemos que ainda é um trabalho extra para a mãe que leva o filho. Por isso as companheiras tentam ajudar o máximo possível e tem as cirandas. Embora, muitas vezes a criança não quer saber de nós, ela quer a mãe. Assim esta militante tem dupla jornada: participar das reuniões e cuidar da criança. Em casos assim há toda uma discussão e organização para liberar as mães de outras tarefas para não sobrecarregá-las e nem impedir que participem das reuniões e nem que deixem de cuidar de seus filhos. Assim a criança não sentirá que nós, do Movimento estamos “roubando” seus pais. Assim, tenta-se trabalhar estes diferentes tempos que acreditamos que sejam importantes para as mães, tanto quanto mulher, como militante.

Uma questão forte no Movimento é o homossexualismo. Mas hoje a gente brinca: “*Se tiramos os gays do setor de educação, nosso setor de educação não funciona*”. Eles são gente boa, dão risada, nas festas, “*quebram*” tudo. Tem até alguns na coordenação e se você vai lá nem percebe.

Mas no campo tem mais resistência...

Os camponeses são mais conservadores e até quebrar isso dentro do Movimento e em alguns estados é difícil. Porque têm muitos estados que resistem ao homossexualismo, mas em outros não há isso. Em São Paulo temos vários: na secretaria, no setor de educação. Eles são seres humanos, gente que quer contribuir, ajudar a mudar esta realidade, pois seja bem vindo!

Em Pernambuco tem também os meninos, na Bahia eles têm um bom entendimento político, ajudam. Não tem essa, eles assumem o que são. Foi interessante o processo, porque a partir do momento em que assumiram o que eram começou-se a quebrar barreiras e resistências.

Vimos que independente de sua opção sexual as pessoas contribuem da mesma forma de quem se diz hetero. Em alguns estados está se quebrando isso. A questão do negro não tem, porque no Nordeste a nossa grande maioria é de negro, índio ou caboclo. Se misturou muito quando fomos para os cursos: nordestina casada com sulista. Se tiver preconceito do negro é muito sutil, imperceptível. Eu não estou dizendo que não exista, se existir eu não consegui enxergar este tipo de coisa. No estado de São Paulo tem todo tipo de pessoa, nordestino, negro, sulista, aqui cabe todo mundo eu não consegui enxergar isso.

3.6 Metodologia adotada na educação da criança pequena

As metodologias de trabalho com os pequenos se constroem de acordo com as necessidades de cada grupo, assentamentos e das crianças. Ultimamente, as metodologias são muito mais receitas que nem sempre dão certo. E para nós é que não dão certo mesmo, porque são realidades muito diferentes em cada assentamento. Por isso, não dá para pegar uma experiência do Rio Grande do Sul e implementar aqui em São Paulo. Não é fácil porque é outro modo de viver, de se construir.

Isso foi marcante quando estávamos construindo o sistema de cooperativa dentro do movimento. Quando estávamos construindo o sistema cooperativista no Movimento, fomos à Cuba e a China porque lá eles organizaram os camponeses e fomos ver como isso se deu. Fomos, vimos e começamos a construir aqui, primeiro no Rio Grande do Sul (RS) e de lá de forma ingênua resolvemos implementar tal e qual no Nordeste.

Imagine! No Nordeste! Se fosse em São Paulo seria mais fácil, mas de São Paulo para baixo não dá certo, porque são culturas diferentes. O pessoal do RS levanta as quatro da manhã e trabalha até seis da tarde porque o clima permite e a cultura deles é essa. No Nordeste temos outro tipo de clima e cultura que não é assim. As pessoas se organizam diferente e assim não dava certo as cooperativas.

Lá as pessoas se levantam as quatro da manhã e saem trabalhar às seis horas da manhã por quatro horas no máximo, e retornam para casa, por volta de dez horas. No tempo de inverno, no máximo onze horas, porque o sol é forte e não permite que se trabalhe na roça. Assim, você vai para casa e cuida das coisas de casa até cinco horas da tarde e volta para a roça e trabalha até mais ou menos às oito horas, porque na época de verão escurece muito tarde. Nove horas o sol ainda está fora. Tudo é diferente. As festividades, o pessoal do nordeste é bem festivo, cultura rica, povo festivo, questão das danças que são diferentes. As cooperativas não deram certo.

O cultivo também é diferente. No RS se cultiva arroz e milho, no Nordeste são vários tipos de feijão: em um estado é feijão catador, outro feijão carioca e colocar tudo no mesmo saco não dá certo.

Isso também se dá nas metodologias nas escolas e nas Cirandas Infantis. O que fazemos de igual é discutir nossos princípios, as metodologias, os nossos objetivos para o Movimento. Os princípios são para todas as frentes e estão no Caderno nº 8 (1996). Mas as metodologias, o jeito como organizar as cirandas, as formas como vamos desenvolver a comunidade, envolver as parcerias, o que vai dizer é a realidade local.

Porque cada experiência tem uma beleza diferente da outra, porque cada um é uma realidade diferente da outra. Tem uma Ciranda que pode estar caindo aos pedaços, mas tem uma experiência diferente e o bonito é que a comunidade participa e assume. Tem outra que a comunidade não assumiu, mas os educadores desenvolvem, num processo organizado dentro que é outro tipo de beleza. Uma está mais bonita que a outra, pode ser mais geral as realidades e necessidades que estão ali permeando as condições que a realidade dá para cada um.

Temos que ter olhares diferentes para cada experiência porque não dá para dizer que uma realidade é melhor do que a outra e se o fazemos podemos acabar com as experiências que têm tudo para serem grandes, significativas. Ao darmos nosso parecer para os educadores e coordenadores que estão fazendo aquilo, acabamos com tudo, desestimulamos a experiência que poderia ser significativa e acaba morrendo.

Precisamos ter cuidado com as metodologias, mas colocamos para os pequenos as experiências bem sucedidas para todos nos encontros e os/as educadores/educadoras vão olhando e percebendo se dá para ser adaptado a sua realidade. O que dá certo é olhar o que tem e analisar se dá para trabalhar na sua realidade e como são encontros ricos em reflexões e experiências que cada um leva e são ricos pela troca de experiências e dizeres de cada um, que são dizeres diferentes. Às vezes é a mesma experiência, mas a forma como esta está sendo implementada é diferente.

No estado de São Paulo qual o acampamento mais próximo na região de Campinas?

Acabamos de construir um, o Milton Santos em Araçatuba, acredito. Temos na grande São Paulo, o Irmã Alberta, em Cajamar e temos o Dom Pedro, em Franca. Na região do Vale, temos o São José dos Campos; perto de Taubaté, temos outro na Fazenda São Luis, temos vários mais próximos. Ao todo no estado de São Paulo estamos divididos em dez regionais. Temos a regional de Campinas, com o Milton Santos, Regional da Grande São Paulo, Irmã Alberta e Dom Pedro, Regional Vale do Paraíba, São José dos Campos, Taubaté, Regional Ribeirão Preto, temos o Bela Vista, inclusive na Regional de Ribeirão Preto temos uma escola belíssima dentro do assentamento.

A Regional de Itapeva é uma das mais antigas, muito bem estruturada com um trabalho muito bonito com a educação. Desde a educação infantil ao ensino médio. A Ciranda lá não é só da educação infantil, mas um ponto de encontro da infância, tem um trabalho muito bonito. Temos o de Promissão, que tem um trabalho muito bonito com a criança. Em Promissão ele é ótimo.

Temos o de Andradina perto de Goiás, Minas Gerais e temos Pontal com vários assentamentos e experiências bonitas. Então são dez regionais, cada uma com uma realidade diferente da outra e cada um tem dentro de suas possibilidades, realidades e do que planejar para trabalhar, desenvolve uma experiência com a criança. Uns mais, outros menos, mas vêm desenvolvendo algum trabalho com a criança, juventude, mulheres..., desenvolvendo um trabalho com o pessoal.

Aqui, no Irmã Alberta, tem um trabalho muito bom com a criança, mas como é perto da cidade, as crianças freqüentam a escola da cidade. É só sair da porteira e está na cidade, são vizinhos o assentamento e a cidade. Mas independente das crianças irem à escola da cidade eles desenvolvem um trabalho.

O de Ribeirão Preto que tem uma escola e experiência bonita, chamamos de Escola do Campo, porque este assentamento foram

vários movimentos sociais que o fizeram. Porque naquela região é uma região de grandes latifúndios, e da grande produção de monocultura de cana, porque as grandes indústrias de cana e álcool estão por ali e essa fazenda era uma fazenda de plantio de cana. Cada vez que um dos movimentos a ocupava o desfecho era mais violento que o outro. Então para poder vingar a ocupação lá, os movimentos sociais que estavam ali se uniram na época e fizeram a ocupação e só então conseguiram resistir e ficar. A escola que tem lá ela é organizada na política de uma educação do campo. É uma política municipal, ela é ligada à rede municipal com vínculos de produção humana, com tempos diferenciados. A própria estrutura da escola é muito bonita, desde cozinha, experimentos, laboratórios, como se organiza as aulas, é bem interessante.

Minha pesquisa em Especialização em Educação do Campo fiz lá e eles tem um Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola bastante interessante. Quando se chega a ela nem parece ser uma escola de assentamento, falamos que é uma escola de educação do campo, porque ela tem estes outros tempos, inclusive no assentamento tem pessoas que eram bóias-frias e que com a ocupação se engajaram ao movimento.

Agora uma experiência mais do MST, que tem a cara do Movimento é em Itapeva. Lá tem um assentamento o Agrovila I, que tem uma escola do maternal ao Ensino Médio, temos uma Escola Agricológica, que vai começar o Ensino Médio em Agriculogia, inclusive em parceria com a UNICAMP. Serão três ou quatro turmas em Agriculogia e uma das turmas começa agora.

Em Itapeva tem uma escola Agricológica e no outro assentamento tem a ciranda infantil, muito bonita e a Márcia é a dirigente do setor de lá, dos pequenos aos maiores. Lá é uma experiência nossa, por mais que tenha contradições, limites tudo, mas é uma experiência que estamos tentando colocar. Tem escolas do município como já disse. Mas a escola do assentamento da Márcia foi conquistada no ano passado, inclusive começamos a discutir o PPP; tem todo um trabalho com a comunidade que participa da escola.

No ano passado nós conseguimos fazer a jornada pedagógica e a escola participou, junto com a comunidade. Eles desenvolvem um trabalho bonito com a criançada, de tocar flauta e coisas assim. O trabalho com as crianças começou por causa da música que eles gostavam de subir no palco para cantar. A Márcia toca violão, ela começava a tocar violão e a criançada se juntava e começou a fazer o trabalho. Hoje tem um núcleo coletivo de crianças que eles chamam de Núcleo Coletivo de Trabalho. É um núcleo gostoso de trabalhar com eles. É uma das possibilidades. Não sabemos o que vai dar, mas desenvolvemos o trabalho com eles.

As Cirandas são apenas para as crianças pequenas, ou para as maiores também, como nos Parques Infantis? Você poderia falar um pouco sobre a organização do espaço nestas Cirandas?

No início elas foram pensadas para os pequenos mais no processo fomos trabalhando com as necessidades e isso nos levou a ir adaptando

uma Ciranda para a infância ou seja até 12 anos de idade. Tem lugares que têm crianças até com mais idade. A Ciranda do congresso foi organizada neste estilo.

Elas são organizadas conforme a realidade de cada lugar/assentamento/acampamento/centro de formação etc. Nos espaços das cirandas são organizados os núcleos das crianças e as atividades são pensadas pelos educadores e educadoras a partir da realidade das crianças e da realidade mais próximas.

3.7 Conhecendo alguns materiais educacionais do MST

*Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola*
(Gilvan Santos, CD Cantares da Educação do Campo)

Estórias da Rosa

Este livro paradidático, destinado a ajudar às crianças dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, a organizarem suas cooperativas nas escolas, busca atuar como uma cartilha a ensinar aos alunos o amor a Terra, o orgulho de ser “sem-terrinha”, de lutar pela RA e da transformação social.

São 42 páginas em que se narra as desventuras dos amigos Rosa e Natalino, bem como de seus familiares e amigos na conquista de um acampamento e da criação de uma cooperativa dos alunos dentro da escola do mesmo.

Eles contam da bonita luta que todo o acampamento fez para construir a escola permanente do acampamento e de como as crianças se organizaram, as reuniões em que estes decidiram o que fariam e como funcionaria a escola.

Nesta as crianças têm vez e voz, se organizam para resolver as questões que aparecem, juntamente com os educadores e criaram uma cooperativa dos alunos, porque entendem que *TRABALHO E ESTUDO, são duas coisas muito importantes. Elas andam de mãos dadas* (pág. 21). E as criaram para que pudessem participar ativamente da escola, porque escola é um movimento, que empurra o acampamento para frente e para ser cada vez melhor.

As crianças da escola são responsáveis pelo embelezamento do assentamento e, por causa do trabalho bem feito que realizaram no jardim do mesmo, ganharam uma viagem ao assentamento vizinho. Embora procurem decidir sobre o andamento da escola, elas sabem que precisam de orientação dos adultos para que as atividades dêem certo.

O setor de educação colocou um cartaz na escola deles, e que deve ter em todas as escolas dos assentamentos, que diz:

É importante que as crianças tenham o seu dia organizado para:

- *Ir à escola;*
- *Fazer o tema de casa;*
- *Ler;*
- *Brincar/*
- *Descansar (dormir);*
- *Conviver com a família, e*
- *Realizar pequenos trabalhos em casa. (pág. 35)*

A comissão de educação do assentamento explicou aos alunos que o *TRABALHO É EDUCATIVO quando gera conhecimento, quando promove a socialização, a cooperação e a solidariedade, quando existe uma troca entre crianças e adultos, e entre nós mesmos* (p. 36). Tudo isso, porque se agirem assim hoje, amanhã serão adultos capazes de agir para a transformação do país em uma sociedade mais justa e igualitária.

O livro termina colocando que a força que os leva a sonhar, vibrar e realizar a RA vem do MST e se chama mística *Paixão de viver e deixar viver*, que está presente no hino do MST, em sua bandeira e na bandeira do Brasil, na foice, na enxada e nos documentos do Movimento.

Livros sobre desenho e redação desenvolvidos em 1998 e 2000 pelo MST

Os livros *Brasil quantos anos você tem?* e *Desenhando o Brasil*, tratam de coletâneas de trabalhos escolhidos no concurso nacional de redações e desenhos realizados pelo MST em 1998 e 2000, tendo como tema: em 1998, *Desenhando o Brasil* e 2000: *Brasil, quantos anos você tem?*

Cada redação vem acompanhada de um desenho que a complementa. Para esta pesquisa escolhi os seguintes trabalhos:

- Do livro *Desenhando o Brasil* - escolhi a redação de Cleonir Jorge de Souza, 9 anos, da Escola Cooperativa Construindo o Caminho, no Assentamento Conquista da Fronteira e o desenho de Moisés Farias de Souza de Moraes, 8 anos, da EEEPG Agrovia Promissão - Assentamento Fazenda Reunidas Promissão, SP.

O BRASIL QUE QUEREMOS

Sou fruto da Reforma Agrária e quero um Brasil com pessoas livres, onde eu possa expressar meus sentimentos, minhas revoltas, meus sonhos... um país onde eu possa continuar vivendo no campo. E nele tirar meu sustento, aproveitando as riquezas que a natureza oferece, e preservando o verde da esperança. Um Brasil com educação, onde nós crianças além de aprender a ler e escrever, plantar, preservar, brincar, sonhar... pudéssemos expressar o que sentimos, trabalhar na terra, praticar esportes, participar das decisões da educação.

Há tanta coisa que me assusta! Às vezes quero parecer grande, mas não dá. Por que tem tanta gente sem condições de viver, vítima da violência, da exploração de alguns?

Sonho com um Brasil **verde** - dos produtos por nós plantados, **amarelo** – das riquezas construídas por nós trabalhadores; **azul** – sem poluição; **branco** – da liberdade conquistada por nós trabalhadores do campo e da cidade.

Cleonir, p. 10

- Do livro *Brasil: quantos anos você tem: 500 anos de desgosto e abandono*.

Escolhi a redação de Jéssika Tamira Araújo Côrrea, 9 anos, 4ª série, Acampamento Padre Ezequiel Ramim, MT e o desenho de Daiane Elizabete Triches, 9 anos, EE São Luiz, Assentamento São Luiz, Palmas Sola SC.

BRASIL QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?

Dizem que o Brasil tem apenas 500 anos, mas na verdade quantos anos o Brasil tem?

Se o Brasil tem 500 anos, onde estava o Brasil antes dos europeus chegarem?

Onde estavam os índios do Brasil?

Os homens da pré-história?

Será que Deus criou o mundo e milhões de anos depois o Brasil?

Claro que não. Deus criou o mundo de uma vez só.

O Brasil com certeza deve ter milhões de anos.

Tem 500 anos, não de Brasil, mas sim de corrupção e exploração.

500 anos de fome e miséria.

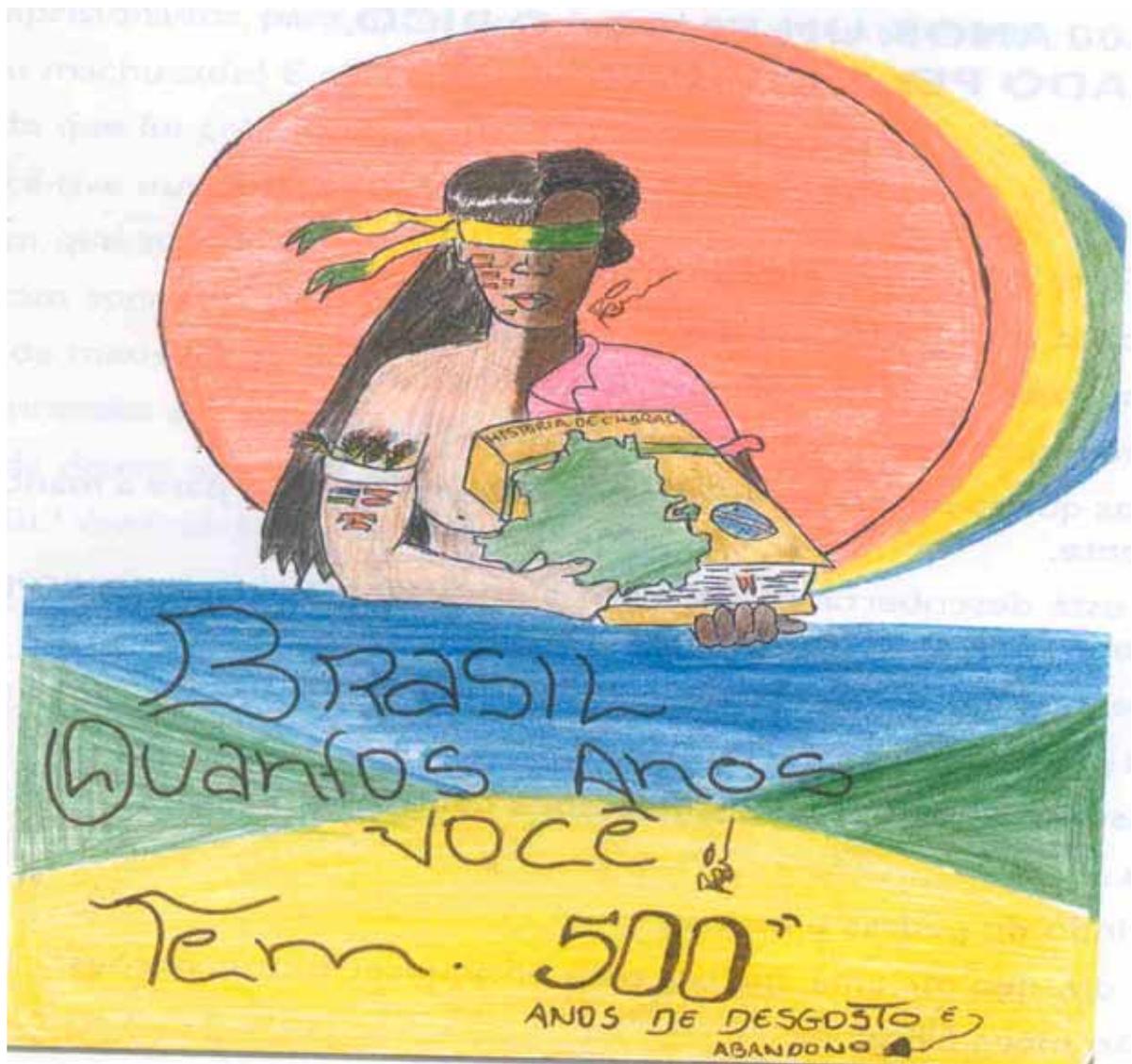
500 anos de sacrifícios e mortes.

500 anos de opressores e oprimido.

Esta é a verdadeira história do nosso Brasil.

Por isso queremos lutar por um Brasil melhor, onde não haja todas estas maldades, injustiças e desunião. Queremos sempre conquistas por um país melhor.

Jéssika, p. 16.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Às nossas crianças temos que dar o melhor;
Porque elas são o que tem de mais puro,
São a esperança presente para plantarmos;
As sementes dos nossos valores,
Da nova sociedade que vamos construir.*

José Martí

Chegando ao fim deste trabalho de pesquisa gostaria de colocar algumas questões fundamentais que para mim se elucidaram durante o percurso de elaboração deste texto e outras que nasceram do mesmo e não encontraram respostas nesta caminhada, necessitando, portanto de uma ampliação da pesquisa em breve.

Gostaria de colocar que aprendi muito durante este processo, pois descobri durante o mesmo que pouco ou nada sabia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, muito menos de sua ideologia e do trabalho que realizam nas escolas e, principalmente, com as crianças pequenas.

Assim, no decorrer da construção descobri que o MST é um movimento social muito sério, que busca, além de propiciar aos seus membros a apropriação de um pedaço de terra para reconstruírem seus sonhos e suas vidas, propiciam também uma educação que busca instrumentalizá-los para enfrentar esta realidade castradora em que vivemos, com o objetivo de transformá-la.

É uma educação voltada para a cidadania e para a conscientização da pessoa como ser humano pleno de direitos, bem como cônica de seus deveres e de como casar os dois para a construção de uma sociedade igualitária. No entanto, dentro deste discurso percebe-se muitas contradições, ou talvez, visões que devido ao fato de ter realizado uma pesquisa apenas bibliográfica não pude construir uma percepção mais

acurada destes outros “movimentos” que transitam dentro do MST, o que poderia ocorrer em uma próxima pesquisa empírica.

Dentre estas questões, não ficou claro para mim, tanto nas obras lidas, quanto nas respostas da entrevista de Edna Rosseto, a questão da paridade de gênero tão amplamente difundida em tudo o que li, mas que na fala de Edna Rosseto parece que cai por terra, quando a coordenadora coloca que as Cirandas Infantis Itinerantes foram organizadas para que a mulher não tivesse dupla jornada durante os encontros. Ora se há paridade em tudo dentro do MST, onde estão os homens para dividir o fardo?

Outra questão que me tocou muito foi à falta de pesquisas sobre a criança pequena em todas as obras lidas. Tirando o Caderno de Educação Infantil nº 12 (2004), não encontrei em nenhuma das inúmeras obras lidas referência ao que é organizado dentro do Movimento para a primeira infância. É como se a educação para o MST se iniciasse verdadeiramente a partir da escolarização no Ensino Fundamental, pois o Caderno é mais uma carta de intenção do que um documento da realidade vivida nos acampamentos. Senti falta da voz e vez das crianças pequenas e de sua cultura dentro do MST.

Outra ambigüidade que senti foi em relação à metodologia utilizada para se trabalhar com as crianças, para mim este tema ficou vago e pouco esclarecedor, bem como o espaço organizado para a infância nas escolas. Não se encontra discussão sobre isso dentro dos textos lidos.

Contudo, embora com todas estas contradições e ambigüidades o que para mim ficou claro durante minha pesquisa é que as crianças do MST, embora vivenciem uma realidade de violências, trabalho duro, privações; não deixam de ser crianças, de sonhar, de buscar modificar a realidade vivenciada. Elas valorizam o trabalho, não o

vendo como uma exploração e expropriação de sua infância, mas como um meio necessário para a sobrevivência e para a busca de novos ideais. Além disso, o trabalho para elas, na maior parte do tempo, se reveste de ludicidade e de encanto, não sendo encarado como fardo.

A escola para elas é um campo privilegiado que deve ser preservado de qualquer forma e não se furtam a freqüentá-la, pois acreditam que o conhecimento é um dom que não pode ser desperdiçado, uma vez que pode ser a porta para um futuro melhor, sem contar que é na escola pública do acampamento que aprendem a realidade em que vivem e os meios de transformá-la, bem como os mecanismos para perpetuá-la.

Um fato que verifiquei em minhas pesquisas é a valorização da mística, ou seja, da história dos heróis que lutaram pela terra e por uma sociedade mais justa. As histórias destas pessoas são contadas nas escolas públicas do MST para que as crianças saibam da realidade dura que é a vida dos assentados e, também, para que se identifiquem com heróis reais e que busquem seguir seus exemplos. Fato como este não ocorre em nossas, em que os heróis de nossa história são deturpados ao serem narrados na escola, em prol da manutenção do status quo da classe dominante, que não deseja ver os dominados insurgindo-se.

Gostaria de citar nesta conclusão um trecho da música *Tocando em frente*, de Almir Sater e Renato Teixeira, que me fala ao coração que é

(...)
Ando devagar, porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Eu só levo a certeza de que pouco sei
Que nada sei
(...)

Trago esta reflexão por sentir-me agora, próxima de findar o curso de Pedagogia, desta forma: mais calma, mais forte, com um sorriso de orelha a orelha, pois já chorei demais nesta busca constante de me formar, mas tendo a certeza de que sei muito pouco e de que preciso aprender muito, mais e sempre para benefício de meus alunos e alunas, da minha família e meu, porque o que aprendemos ninguém nos tira, é nosso patrimônio pessoal que dinheiro nenhum compra e ladrão rouba. Mas não pretendo parar por aqui, quero ir além em minha formação, tentar o mestrado, talvez o doutorado, talvez atuar em outras frentes, como a educação infantil ou ensino superior. Pode ser um objetivo alto e ambicioso, mas tudo é possível para quem vive e sonha. E eu vivo e sonho sempre.

REFERÊNCIAS

- ARENHART, Deise. **Infância, educação e MST**: quando as crianças ocupam a cena: Chapecó, RS: Argos, 2007.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. R. J. Zahar Editores, 1981.
- ARROYO, Miguel G. ,CALDART, Roseli S. e MOLINA, Mônica C. (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BEZERRA NETO, Luiz. **Sem terra aprende e ensina**: um estudo sobre as práticas educativas e formativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - 1979-1998. Campinas: Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.
- CAMINI, Isabel (org) **Estórias da Rosa**. MST: Setor de Educação, s/d.
- DEL PRIORE, Mary (org.) **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1.998.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura**: para uma pedagogia da educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Alípio, PANZUOLDO, Silvana e ALONSO, Emílio. **Desenhando o Brasil**: trabalhos escolhidos no concurso nacional de redação e desenho realizado pelo MST em 1998. São Paulo: Editora Lidador, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2003
- LOERA, Nashieli Cecília Rangel (s/d). **A máquina do MST**. Disponível in: www.cinform.com.br. Acessado em : 20/05/2006.
- LOPES, Jader J. M. e VASCONCELLOS, Tânia. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.
- MACHADO, Ilma F. **A organização do trabalho pedagógico em uma escola do MST e a perspectiva de formação Omnilateral**. Campinas, Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Unicamp, 2003.
- _____ **Cantares da educação no campo (CD)**. MST: Setor de Educação, 2006.
- _____ **Jogos e Brincadeiras**, Cadernos de Educação, nº 07, fevereiro, 1996.
- _____ **Princípios da educação no MST**. Cadernos de Educação, nº 08, fevereiro, 2004.
- _____ **Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001**. Cadernos de Educação, São Paulo: Editora Expressão Popular, nº 18 (Edição especial), 2006.
- _____ **Educação infantil: movimento da vida, dança do aprender**. São Paulo: Editora Expressão Popular, nº 12, fevereiro, 2004.

_____. **Brasil quantos anos você tem? 500 anos de desgosto e abandono:** trabalhos escolhidos no concurso nacional de redação e desenho realizado pelo MST em 2000. ANCA, 2001

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes.** São Paulo, Cortez, 2003.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância na escola: uma relação marcada por preconceitos.** Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 2000.

_____. **Documentário: Conversas de Crianças.** Rio de Janeiro: UFRJ, s/d.

SERRÃO, Maria Isabel Batista. **Aprender a ensinar:** a aprendizagem do ensino no curso de Pedagogia sob o enfoque histórico-cultural.

SILVA, Edvaneide B. **Educação e reforma agrária:** práticas educativas de assentados do sudoeste paulista. São Paulo: Xamã, 2004.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de crianças.** Porto Alegre, RS: Artmed, 1997.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARENHART, Deise. *A educação infantil em movimento: a experiência das cirandas infantis no MST*. In: **Pro-Posições. Dossiê educação Estética**. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas, SP: vol. 15, nº 1(43)- p. 175-190, jan. /abr. 2004, pp. 175-190.

_____ **Infância, educação e MST: quando as crianças ocupam a cena**: Chapecó, RS: Argos, 2007.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. R. J. Zahar Editores, 1981.

ARROYO, Miguel G. ,CALDART, Roseli S. e MOLINA, Mônica C. (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BEZERRA NETO, Luiz. **Sem terra aprende e ensina: um estudo sobre as práticas educativas e formativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - 1979-1998**. Campinas: Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

CALDART, Roseli. O papel do educador dos povos do campo. In: **Revista Sem Terra**, São Paulo, ano V nº 16, jul/set., 2002, pp 36-38.

CAMINI, Isabel (org) **Estórias da Rosa**. MST: Setor de Educação, s/d.

COUTO, Andréia T. *Estratégias de reprodução social de famílias assentadas: um estudo sobre as lógicas produtivas em um assentamento de reforma agrária em Minas Gerais, Brasil*. In: **Pro-Posições. Dossiê educação Estética**. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas, SP: vol. 15, nº 1(43) jan. /abr. 2004, pp. 139-158.

DEL PRIORE, Mary (org.) **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1.998.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Alípio, PANZUOLDO, Silvana e ALONSO, Emílio. **Desenhando o Brasil: trabalhos escolhidos no concurso nacional de redação e desenho realizado pelo MST em 1998**. São Paulo: Editora Lidador, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: , 2003

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Caderno de Pesquisa**, nº 86. O Negro. São Paulo: Editora Cortez, agosto 1993.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Caderno de Pesquisa**, nº 63. Raça negra e educação. São Paulo: Editora Cortez, novembro, 1993.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

LOERA, Nashieli Cecília Rangel (s/d). **A máquina do MST**. Disponível in: www.cinform.com.br. Acessado em : 20/05/2006.

LOPES, Jader J. M. e VASCONCELLOS, Tânia. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.

MACHADO, Ilma F. **A organização do trabalho pedagógico em uma escola do MST e a perspectiva de formação Omnilateral**. Campinas, Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Unicamp, 2003.

MORIGI, Valter. **Escola do MST: uma utopia em construção**. Porto Alegre, TS: Mediação, 2003.

MST. **Jogos e Brincadeiras**, Cadernos de Educação, nº 07, fevereiro, 1996.

_____ **Cantares da educação no campo (CD)**. MST: Setor de Educação, 2006.

_____ **Princípios da educação no MST**. Cadernos de Educação, nº 08, fevereiro, 2004.

_____ **Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001**. Cadernos de Educação, São Paulo: Editora Expressão Popular, nº 18 (Edição especial), 2006.

_____ **Educação infantil: movimento da vida, dança do aprender**. São Paulo: Editora Expressão Popular, nº 12, fevereiro, 2004.

_____. **Brasil quantos anos você tem? 500 anos de desgosto e abandono: trabalhos escolhidos no concurso nacional de redação e desenho realizado pelo MST em 2000**. ANCA, 2001

_____ **Como fazemos a escola de Educação Fundamental**. Cadernos de Educação, São Paulo: Editora Expressão Popular, nº 09, fevereiro, 1999.

_____ **Educação de Jovens e Adultos: sempre é tempo de aprender**. Cadernos de Educação, São Paulo: Editora Expressão Popular, nº 11, fevereiro, 1996.

_____ Cadernos de Saúde e Meio Ambiente. **A viagem das sementes: sementes patrimônio dos povos a serviço da humanidade**. ANCA, São Paulo: Editora Expressão Popular, abril de 2004.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo, Cortez, 2003.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância na escola: uma relação marcada por preconceitos**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 2000.

_____ **Documentário: Conversas de Crianças**. Rio de Janeiro: UFRJ, s/d.

SANTOS, Sueli A. dos. Instituto Terra tem escola de educação ambiental no Vale do Rio Doce. In: **Revista Sem Terra**, São Paulo, ano VI nº 22, jan/fev., 2004, pp 48-51.

SERRÃO, Maria Isabel B. **Aprender e ensinar**: a aprendizagem do ensino no curso de Pedagogia sob o enfoque histórico-cultural. São Paulo, Cortez, 2006.

SILVA, Edvaneide B. **Educação e reforma agrária**: práticas educativas de assentados do sudoeste paulista. São Paulo: Xamã, 2004.

SOUZA, Mairise. A. **Se essa rua, se essa rua fosse minha...:** estudo sobre a submissão, resistência, transgressão de crianças brincando nas ruas de Barão Geraldo. Dissertação de mestrado. Faculdade de educação da Unicamp. Campinas, 1998.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de crianças**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1997.

TORRES, Antônio. **O circo no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE; São Paulo: Atração, 1998.